WELLCOME Mr. DORSEY!

O Rio de Janeiro anda pobre em diversões. Apesar das boites, que a cada dia surgem em cada esquina, tôdas elas localizadas na Zona Sul, com preços de arrepiar os cabelos, raramente se encontra um espetáculo que possa atrair a massa. Não só pela exorbitância cobrada pelas doses de uisque, como pela deficiência dos cartazes ali apresentados. Porque a verdade é que essas casas de diversão, as mais indicadas, no caso, para oferecer ao público artistas de real mérito e valor, não só se interessam em importar artistas de quilate do estrangeiro, como não procuram valorizar o material da casa, abundante, sem dúvida, e, em alguns casos, de muito mais valor. Assim, fica o Rio, apesar dessa "máscara" adquirida recentemente de ter reconquistado sua vida noturna, pràticamente existente apenas ao tempo da Roleta, privado de apreciar, em carne e osso, alguns dos melhores e mais conceituados cartazes internacionais. A falta de verba, capaz de cobrir as exigências dêsses "azes" é a desculpa mais difundida — e a mais aceitável, evidentemente. Mas não resta dúvida, que tivemos aqui, a preços populares, um Xavier Cugat e um Maurice Chevalier, dando audições em rádio, boites, e até em palcos de cinemas — como seria aconselhável que se fizesse sempre. Mas isso não acontece com freqüência. Absolutamente. Nossas melhores emissoras anunciam esporàdicamente, apresentações estrangeiras, com repercussão muito limitada, e que nem sempre correspondem à espectativa que faz prever a publicidade.

Ao tempo em que funcionavam os cassinos, falava-se muito na vinda ao Rio de Frank Sinatra e Tommy Dorsey. Boatos, apenas, pois a soma exigida era realmente fabulosa. Contudo, estava-se, realmente, cogitando trazer êstes dois grandes nomes para uma apresentação sem precedentes ao público brasileiro. E antes mesmo que os boatos fossem confirmados, fecharam-se as portas dos cassinos — com a paralização do jôgo. Morrera a vida noturna na cidade maravilhosa.. E só agora, com sua readaptação lenta, começa-se a pensar novamente em importar cartazes estrangeiros de fama internacional, graças a junção de Estações de Rádio com Boites e, mais recentemente, com a adesão da Televisão. E a vinda de Tommy Dorsey fica, assim, positivada.

★

Há cêrca de 10 anos, Tommy Dorsey manteve a liderança, por muito tempo, como a "melhor orquestra de dança" dos Estados Unidos. Seus discos eram procuradíssimos, à época em que seu conjunto contava com a colaboração de Buddy Rich, baterista; Jack Leonard, cantor até hoje recordado com saudades; Jo Stafford, lady-crooner; Frank Sinatra, que é hoje um dos cartazes do mundo; Ziggy Elman, pistonista, hoje com orquestra própria; Sy Oliver, arranjador de recursos e responsável pelos maiores êxitos de Dorsey; Jesse Stacy, pianista, e alguns dos melhores músicos que iniciaram em sua orquestra, inclusive o célebre Harry James. Muito bem. Apesar de muitas outras orquestras irem surgindo, como Stan Kenton, Vaughn, Monroe, Harry James, Charles Spivack, etc., orquestras que atingiram ràpidamente posições sólidas, descendo, pouco depois, para um nivel médio, para ceder lugar a outras como Ralph Flanagan, , Paul Weston, Les Brown, Roberto Inglês, Gordon Jenkins, Ziggy Elman, Frank De Vol, Billy Butterfield e muitas outras, Tommy Dorsey ainda mantém a sua privilegiada posição. Reestruturando o seu conjunto, lançando sempre novos valores, sua orquestra mantém sempre aquela mesma forma de tempos atrás, e aquêle mesmo estilo que lhe deu fama junto aos amantes da música popular norte-americana, como bem atestam suas recentes gravações, procuradas com o mesmo entusiasmo. Nem será preciso dizer que Dorsey, uma das primeiras orquestras a ser convidada a tomar parte em filmes, continua sendo a mais procurada. Por isso mesmo, essa apresentação de Dorsey ao público brasileiro, feita através da TV-Tupi e do Night and Day merece todos os aplausos. E que se repita sempre.

Ao mesmo tempo, não seria fora de propósito tocarmos mais uma vez num assunto já por nós abordado nesta página, tempos atrás. Os donos dos cinemas poderiam proporcionar espetáculos musicais nos palcos de seus cinemas, em horários estipulados, a preços mais elevados, tanto com orquestras estrangeiras como nacionais. Não faltará quem aceite e quem queira ver e ouvir tais espetáculos. Os proprietários ganhariam mais, os músicos teriam melhores oportunidades — e o público, estou certo, aplaudiria entusiàsticamente tais iniciativas.

leon eliachar

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

N.º 48 ★ 29-11-51

Sumário

Wellcome, Mr. Dorsey (Leon Eliachar) 3
Vendo a caveira (Frankie) 4
A raposa do deserto (cine-romance) 5
O que ouvimos no rádio (A.C.) 8
Nem só do astro vive o filme (Alberto Conrado) 9
O fim do mundo (enrêdo) 12
O Cristo Proibido (Curzo Malaparte) 14
Flashes Mundiais 16
Pernas para os olhos 18
John Agar (close-up) 20
Shelley Winters (close-up) 21
O público brasileiro aplaude seus astros (Carlos Arena) 22
A vítima do destino (cine-romance) 24
Problemas humanos à luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) 29
Connie Russell 30
Melodias para você 31
Um dia com o diabo 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34

★

CAPA:
ALAN LADD
(Paramount)

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3.00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150.00. Semestral (26 números) Cr$ 75.00. Registrada: Anual, Cr$ 180.00. Semestral, Cr$ 90.00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280.00; Semestral, Cr$ 140.00. Número atrasado, Cr$ 3.50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonca, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenco Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa» Florida, 229 Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.
Venda e Publicidade em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 169
Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3.00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



Esta é uma seção de "venenos". O cronista não se responsabiliza pelas notícias recebidas. As pessoas atingidas podem nos esclarecer a respeito. As contestações serão publicadas, a bem da verdade. E, por favor, não troquem de mal comigo...

FRANKIE

DISSE Norma Tammar, cantora do Monte Carlo e componente do "show" Bacanal: "Não aceitei convites para filmar na França, quanto mais no cinema nacional". E acrescentou: Abel Gance foi quem me fêz a proposta, mas infelizmente não pude aceitar porque não quis me separar de minha filha..."

Continuou falando. Desafiou o sol com seu olhar pálido de duas peças e saiu-se com mais essa: "Só tomo parte em desfíles de maiôs para firmas americanas. As nacionais pagam pouco e são muito freqüentadas por brasileiros..."

O monólogo prosseguiu: "Em Paris, minhas fotografias foram publicadas nas melhores revistas, como "Blanc et Noir", "Ce Soir", "Paris Match". O tipo da menina modesta, essa Norma. Não para de falar: "Não preciso me prevalecer do meu corpo para ganhar dinheiro e cartaz. Sou a únimulher que aparece em "shows" vestida e sou muito bem paga".

A pura verdade. Norma é tão modesta que não faz questão de exibir o seu talento...

★

Palavras de Dick Farney: "A Rádio Nacional paga 40 centavos aos seus cantores e exige dêles mil sacrifícios, fazendo-os trabalhar da manhã até a noite, entrando em quase todos os programas". Esclarecimento: Dick saiu da Nacional e entrou para a Mayrink. Despeito? Quem está com os trunfos agora é Bill Farr.

★

A. Fregolente declarou: "Gostaria de ver Watson Macedo na miséria".

★

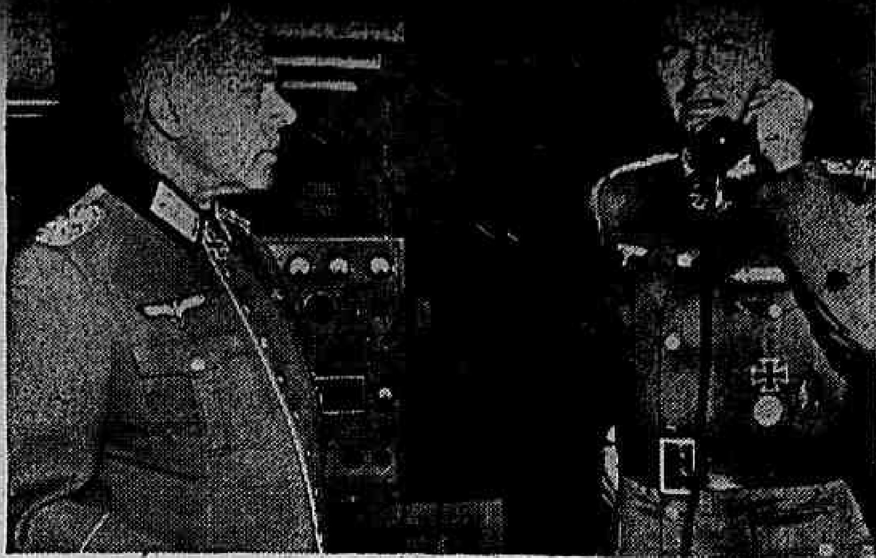
Luís Delfino disse: "Watson Macedo não é um diretor".

★

Watson Macedo confessou: "Francisco Carlos nunca paga suas despesas. Muitas vêzes tivemos que fazer uma "vaquinha" para pagar seus gastos nos bares".

★

Oscarito não fará nenhuma gravação para êste Carnaval. Armando e Klecius, autores de "A Marcha do Gago", ficaram um pouco tristes — mas nem por isso deixaram de lançar um sucesso para o Carnaval de 52 "Maria Candelária", na voz de Blackout. Dizem que a senhora do Oscarito proibiu-o de gravar, pois no carnaval passado não chegava antes das 7 horas da manhã em casa...



(THE DESERT FOX)

ELENCO:

Rommel	JAMES MASON
Dr. Karl Strolin	CEDRIC HARDWICKE
Sra. Rommel	JESSICA TANDY
Hitler	LUTHER ADLER
General Burgdorf	EVERETT SLOANE
Von Rundstedt	LEO G. CARROL
Gal. Fritz Bayerlein ...	GEORGE MACREDDY
Aldinger	RICHARD BOONE
Cel. Von Stauffenberg..	EDUARD FRANZ
Desmond Young	ÊLE MESMO
Manfred Rommel	WILLIAM REGNOLDS
General Schultz	CHARLES EVANS
Almirante Ruge	WALTER KINGSFORD
Keitel	JOHN HOYT
General Maisel	DON DE LEO
Oficial-médico inglês ...	ROBERT COOTE
Chofer de Rommel na Africa	RICHARD ELMORE
Major Walker	JOHN VOSPER
Jock	SEAN McCLORY
Capitão dos comandos..	DAN O'HERLIHY
Coronel dos comandos..	SCOTT FORBES
Médico inglês	VICTOR WOOD
Oficial inglês	LESTER MATTHEWS
Empregada	MARY CARROLL
Cel. Von Hofaker	PAUL CAVANAGH
Doutor	LUMSDEN HARE
Jodl	JACK BASTON
Stulpnagel	JOHN GOLDSWORTHY
Major alemão	CARLETON YOUNG
Cirurgião alemão	FREEMAN LUSK
Gal. Montgomery	TREVOR WARD

Argumento e Produção: Nunally Johnson — Filme da Fox — Direção: HENRY HATHAWAY.

CINE-ROMANCE

A RAPOSA DO DESERTO

ERWIN JOHANNES EUGEN ROMMEL, comandante geral do "Afrika Korps", tornou-se figura legendária, mesmo em vida; êle foi um soldado cujas proezas nos campos de batalha capturaram a imaginação do mundo inteiro, até mesmo de seus adversários.

Êle é a fabulosa Rapôsa do Deserto que acoçou os seus perseguidores, acima e abaixo da Africa do Norte, tantas vêzes quantas foi êle por sua vez caçado, — a matreira rapôsa cujas façanhas e peças pregadas fizeram os próprios Tommies rirem — o que poucas vêzes é a natural reação em tempo de guerra.

Rommel é talvez o único líder da história, de alta patente militar, cuja popularidade entre os soldados contra quem êle se batia chegou a ponto de uma advertência ser expedida.

A história começa na noite de 2 de outubro de 1942 — o comêço do fim de Rommel — quando a artilharia britânica trovejava às portas de El-Alamein. Com a maré da batalha voltada contra êle, o adoentado Rommel, ainda em sofrimento depois de uma longa hospitalização em virtude de um crítico ataque de ictericia, está numa tremenda necessidade dos suprimentos que lhe haviam sido prometidos, porém nunca enviados, por Hitler.

Pelo décimo dia de batalha, como outra rapôsa no deserto, uma ainda mais astuciosa, talvez, o General Bernard L. Montgomery, não havia mais dúvidas quanto ao desfecho da luta.

Rammel é um soldado prático. Compreende que a sua posição é desesperadora e deseja retirar os seus homens emquanto ainda há tempo. Hitler, porém, envia instruções: — "El-Alamein deve ser defendida até o último homem. Terá que ser Vitória ou Morte!" Rommel se sente amargurado. Esta ordem é estúpida e criminosa.

Pela primeira vez a lealdade de Rommel está em jôgo. Êle é um soldado que jurara obedecer, torna-se para êle difícil tomar uma decisão. Enfim, Rommel dá ordens a um de seus oficiais, o General Fritz Bayerlein, para retirar os soldados.







O fim, porém só tem lugar em Tunis, quando as fôrças do Eixo são cercadas pelas inglêsas e americanas, sob o comando de Eisenhower e se entrega incondicionalmente; mas o "Afrika Korps" é capturado sem o seu líder, pois, um mês antes, Rommel fôra dispensado do comando e voltara para um hospital na Alemanha.

No hospital, Rommel recebe a visita de seu velho amigo Dr. Karl Strolin, Mayor de Stuttgart e, a êle o marechal alemão admite a sua perda de confiança na direção de Hitler na guerra.

Recobrando as suas fôrças, Rommel, em novembro de 1943, faz uma viagem de inspeção aos preparativos de defesa da costa do Atlântico para tomar a direção das fôrças nazistas reunidas para resistir ao assalto aliado. Êle confessa a Von Runstedt que está desapontado com os preparativos e diz que a sua opinião seria enfrentar a invasão nas praias. Von Runstedt então nesse momento lhe revela que êle, um simples cabo boêmio, é quem está assumindo só e totalmente o comando da defesa.

Rommel mais uma vez percebe a fragilidade de tal situação, quando Hitler evita os conselhos de seus próprios generais em favor de mapas astrológicos e intuítivos ímpetos.

Não esperando a invasão antes, pelo menos, da primavera seguinte, Rommel encontra tempo para passar umas curtas férias em seu lar em Herrlingen, com sua espôsa, Frau Lucie Maria Rommel e seu filho Manfredo. Alí êle recebe a visita de Dr. Strolin que lhe parece diferente quanto a sua atitude em relação a Hitler. Dr. Strolin lhe confia que um grupo de pessoas de alta categoria deseja livrar-se do "Fuhrer". Rommel expõe francamente as suas idéas mas se sente coagido pelo juramento de lealdade que fizera como soldado. — "Conspirar contra o líder é traição" — Frau Rommel, porém, é mais realista: — "Quando é para o bem" êle aconselha, "traição deixa de ser traição para ser patriotismo". Antes de partir para a frente, Rommel recebe de sua espôsa uma cópia do livro escrito por Hitler "Mein Kampf". Mais tarde êle o abre e lê num parágrafo marcado por uma tira de papel: — "Quando o govêrno de uma nação a está levando à ruina, rebelião não é sòmente um direito mas também o dever de todo cidadão. Os direitos humanos inutilizam as leis de Estado".

A invasão está em pleno progresso e a desamparada posição dos alemães logo se torna evidente. Von Rundstedt e Rommel concordam que êles estão fazendo face a uma situação na qual havia muitos dos inimigos e um alemão demais: — Hitler.

Rommel confia a Von Runstedt o movimento que se vinha fazendo para derrubar o "Fuhrer", Von Rundstedt, porém, lamenta-se dizendo que, com setenta anos de idade êle está muito velho para se revoltar, velho de mais para desafiar as autoridades por peores que fôssem. Êle deseja a Rommel e ao seu grupo sucesso em seu projeto.

O tenente-coronel Caesar Von Hofaker informa a Rommel que três homens do grupo anti-Hitler haviam sido aprisionados e que não há tempo a perder em levar a efeito a conspiração contra "Der Fuhrer". Rommel está pronto a agir mas deseja antes estar absolutamente certo de que não existe nenhuma outra alternativa. Êle pede uma audiência com Hitler que, mais uma vez se revela uma visionário, recusando-se a vêr os problemas imediatos que suas tropas enfrentam, colocando suas esperanças em miraculosas armas de guerra das quais só existiam os projetos. A decisão de Rommel está tomada.

Êle está definitivamente envolvido na conspiração, com hora marcada dentro de três dias para o decisivo golpe. Nesse interim, enquanto êle ainda tentava levantar para a luta a desmoronada frente de defesa, numa estrada, perto de uma aldeia que tinha o fatídico nome de Montgomery, seu carro foi alcançado por bombardeiros britânicos e é criticamente ferido sendo levado para um hospital.

A conspiração é levada a efeito sem Rommel. Coronel Count Claus Von Stauffenberg visita Hitler nos quarteis de conferência do Fuhrer em Rastenburg, na Prússia Leste, deixando alí uma pasta contendo uma bomba de retardamento. A bomba explode porém Hitler milagrosamente escapa com apenas leves ferimentos enquanto outras pessoas que se encontravam no quartel foram vitimadas pela explosão.

Segue-se um grande derramamento de sangue. Cinco mil homens são mortos por Hitler na fúria de destruir os responsáveis pelo atentado contra a sua vida. Um dos suspeitos Gen. Stulpnagel atira contra si próprio, na cabeça permane-







cendo vivo, porém inconciente. Em estado de côma êle murmura o nome de Rommel. — Isso é suficiente evidência para as tropas do SS.

Rommel melhora o suficiente de seus ferimentos para ir convalecer em sua casa. Logo depois êle recebe a visita de uma delegação oficial de Berlim. Dizem-lhe que êle é acusado de traição. Rommel responde que êle se defenderá em juízo mas vem a saber que o vereditum já fôra pronunciado.

Gen. Burgdorf, encarregado da delegação informa que Hitler acredita que seria melhor para o interêsse de todos se Rommel decidisse resolver o caso por si, calmamente, sem demora.

"A escolhe é morrer agora ou mais tarde" Rommel resume.

A pena por estrangulamento é a pena reservada para êsse caso, explica o General Burgdorf mas, o veneno que êle trouxera com êle faz o efeito em apenas três segundos.

Rommel diz que a despeito de tôdas as disvantagens apontadas êle prefere ser julgado. Pode ser uma fútil defesa mas êle acredita que êle deve ser ouvido — deveria haver algum valor para as pessoas que o ouvissem.

General Burgdorf lhe diz então que se êle insistir num julgamento não haverá nenhuma garantia pela segurança de sua espôsa e de seu filho. Agora não há outra alternativa para Rommel. Dão-lhe tempo para se despedir de sua família. Êle diz a Frau Rommel o destino que o aguarda e confia a ela a explicação dos acontecimentos ao seu filho.

Rommel entra no carro no qual, dentro de poucos minutos, enquanto o vehículo se dirige em direção a Berlim, um dos passageiros será um soldado sem vida, vestido no desbotado casaco de couro que êle sempre usou nos campos de batalha e com o bastão de ouro de marechal seguro em uma de suas mãos.

Ouve-se então durante esta cena as palavras pronunciadas um dia por Wiston Churcill: "Seu ardor e coragem infligiram tristes disastres sôbre nós mas êle merece a saudação que eu lhe fiz na Casa dos Comuns em janeiro de 1942. Também merece o nosso respeito porque, embora fôsse um leal soldado alemão êle chegou a odiar Hitler e todos os seus trabalhos e tomou parte na conspiração para salvar a Alemanha, derrubando do poder um maníaco e tirano. Isso, êle pagou com o preço de sua vida. Nas sombrias guerras com a moderna democracia há pouco lugar para cavalheirismo".



ESCOLHA

Exatidão de mais é sinal de êrro
A segunda dentição
A embriaguez dos perfumes
O Sistema de Copérnico
Cabelos e cabeleiras
A arte de presentear
A mulher nunca é velha
Testamentos curiosos
Mamãe e o seu bebê
Quem salvou Dempsey da derrota?
Carga da brigada de... vacas ligeiras
Nova régua para alfaiates
Cantigas
Para calçar os pés dos móveis
Para limpar venezianas
Origem do edredon
Tabuletas comerciais na China e no Mandchukuo
A lenda dos Peles Vermelhas
A planta mentirosa
O mais antigo artista
Gordos e magros
Novo vestuário para aviadores
Molière em anedotas
O que deve e o que não deve ser uma mulher
Probabilidade matrimonial
Curioso esconderijo
Todos os autos de 1951 estão fora de moda
A pesca com luz
Uma aventura amorosa de Napoleão
As três coisas
A população francesa
Os católicos nos Estados Unidos
O bom humor
Mina de carne e osso
Ondulação Marcel
O cristianismo e a escravidão
Uma lição engenhosa
A vida entre os Esquimaus
Um tesouro celeste
As mais belas do ano
O "magro" voltou a ser magro
A Bela e o Guarda Real
Guarda do tráfego... submarino
Quatro coelhos e apenas duas orelhas
Caneta estilográfica e pistola de alarma
Para tirar nível de um terreno
O Tonel das Danaides
As mulheres se escondem
Os Estreitos Políticos
Jovens monarcas
Conversão do Sistema Métrico
O Salto da Vala
Que península é esta?
Que vem a ser "Katawala"?
Novidades Femininas

AQUI ESTÃO APENAS ALGUNS ASSUNTOS QUE O LEITOR ENCONTRA NO

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951, À VENDA EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO BRASIL POR Cr$ 25,00.

Edição da

CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Maranguape, 15 — Rio

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

O QUE OUVIMOS *no Rádio*

A. C.

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo

"MUSEU DE CÊRA"

(*Rádio Nacional*)

Como é reconfortante ligar o receptor altas horas da noite e ouvir aquelas velhas canções, composições que tanto nos falam ao coração pelo que possuem de singelo e despretensiosa emotividade. São recordações valiosas e merecem indiscutível divulgação, ou melhor explícito, seria dizendo re-divulgação, pelo que representa de verdadeiro em nossa música popular e de autóctone em nosso folclore. Para nós, Heber de Bôscoli se reabilita das aberrações dos tempos mal-lembrados do palco do Carlos Gomes, cujos programas eram um católogo de pseudos artistas. Não mais precisará o sr. Heber gritar patològicamente "Posso falar?". Ao microfone da E-8, com sua voz feia, mas paternal, seu conhecimento dos tempos idos, suas conversas com os compositores e intérpretes, bate-papos desprovidos de convencionais apresentações, trazendo à tona fatos pitorescos que rodearam ou motivaram as composições de antanho, o velho animador pode estar certo de que, malgrado o adiantado da hora, seu mostruário de relíquias sonoras é ouvido com carinho e profunda emoção pelos que possuem um mínimo de sensibilidade e sentimentalismo.

Cotação artística: 3½ — *Cotação comercial*: 2

ZEZÉ GONZAGA

(*Rádio Nacional*)

Esta é uma cantora que, se tiver perseverança e se dedicar inteiramente à música, obterá um lugar de proeminência em nosso rádio. E' detentora de uma das vozes mais bonitas que temos ouvido ùltimamente. Além de sua entoação melodiosa é graciosamente feminina na intenção ao dizer os versos. Sua "Canção de Dalila", que está batendo um verdadeiro "record", e outras criações suas fazem-na credenciada para um alto pôsto no rol de nossas cantoras. Quanta diferença dessa moça com a Emilinha Borba, que tem decaído sensìvelmente de um ano para cá. O mesmo sucesso que consagrou Zezé Gonzaga foi interpretado e também gravado por Emilinha. Mas observem a classe e qualidade de voz da primeira e confrontem-na com essa entonação já um pouco grosseira da stra. Borba. Não pode haver discussão. Já dizem por aí que a "noiva da marinha" rompeu seu noivado...

Cotação artística: 5 — *Cotação comercial*: 5

"PALÁCIO DO RISO"

(*Rádio Clube do Brasil*)

O fazer rir é uma das mais espinhosas ocupações que se possa confiar a um radialista. Fabricar "gags" diária ou semanalmente não é nenhum trabalho fácil para o homem do rádio, especialmente para aquêles que são humoristas, agravando-se ainda quando os mesmos querem primar por um humorismo sadio e espontâneo. Já ouvimos alguns programas do "Palácio do Riso" e, francamente, gostamos do que ali se diz. E' certa graça colegial e de uma ingenuidade gritante, porém preferível a êsse compêndio de piadas de "porta de armazém", tão ao gôsto da maioria de nossos fabricantes de riso. O programa é bem delineado, sua seqüência razoàvelmente desenvolvida, tendo a seu desfavor as infelizes intervenções da orquestra, soando demais os metais, e sempre repetindo os mesmos acordes, o que torna inexplicável sua inclusão, sendo preferível montar o programa com gravações.

Cotação artística: 2 — *Cotação comercial*: 3

"NAMORADOS VALERY"

(*Rádio Tamoio*)

Como se não bastassem títulos idênticos de programas em diferentes emissoras, agora também incluíram a *característica*, a música que serve de prefixo para a fácil identificação do ouvinte. O que estranhamos é que emissoras pertencentes à mesma organização se descuidem dêsse detalhe. Às sete horas, na Tupi, Carlos Frias lê, sob o prefixo de "Moonlight Serenade", pela orquestra de Glenn Miller, "Boa-noite para você". Entretanto, três horas antes, na Tamoio, a mesma gravação serve de motivo para as melosidades dos "Namorados Valery". Falando sôbre o programa nada há para dizer, salvo as sempre falsas e inconvincentes interpretações de Antônio Leite e Hilda Barros, em meio de uma baboseira de texto original do sr. Leite... sistemàticamente misturado com... água e açúcar.

Cotação artística: 1 — *Cotação comercial*: 2½

RADIOGRAFIA DO CINEMA BRASILEIRO (III)

NEM SÓ DO "ASTRO" VIVE O FILME

DONA FELICIDADE
Uma boa coadjuvante

O ÊRRO DE NOSSO CINEMA EM MENOSPREZAR OS ATORES SECUNDÁRIOS ★ TODOS INTERESSAM E AS VÊZES SUPERAM O "ESTRELISMO" ★ NEM TUDO É FEITO PELO PRIMEIRO ATOR ★ EXEMPLOS DO CINEMA AMERICANO E FRANCÊS ★ O EQUILÍBRIO DE UM FILME TEM SUA BASE NO TRABALHO DE CONJUNTO.

De ALBERTO CONRADO



CARLOS VERGUEIRO
Valia «Caiçara»

NUNCA segundos papéis foram bons... Periòdicamente repetimos o aforismo — que como todo aforismo tem seu pró e seu contra — como quem crê na possessão da pedra filosófica. Finalmente, isto demonstra raça de erudito e, nesta matéria, para estar a par dos encontros, digamos também que quem esteja isento de culpa atire a primeira pedra. Porém, será que nada disto possa ser tomado ao pé da letra?

Em qualquer atividade, o cinema está entre elas, podemos citar muitos casos de maus segundos papéis, é verdade, mas também há margem para o outro. E, apesar de especularmos aqui com o jôgo de palavras, digamos, de modo particular, que não têm por que serem maus os segundos papéis quando êles se referem aos que integram os elencos. E é sôbre êste ponto justamente que vamos tocar.

NEM TUDO FAZ O "ASTRO"

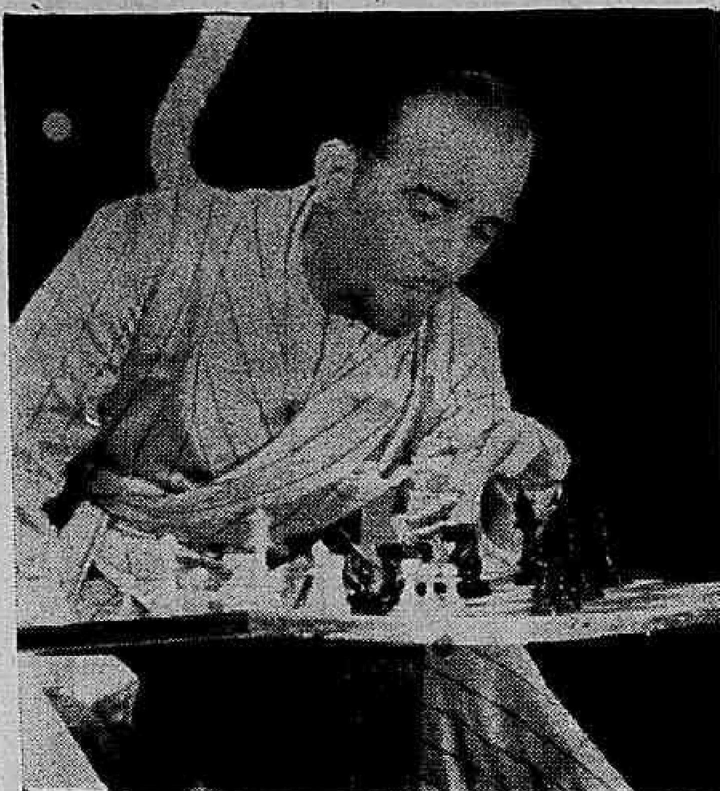
O equilíbrio de um filme tem sua base no trabalho de conjunto. Existem exceções que, quando são salvadas, dão uma obra de arte e quando não, um "abacaxi". Mas uma atividade qualquer não a faz as exceções e é acertadamente admitir que a melhor norma de obter êsse equilíbrio, no aspecto interpretativo, é servindo-se de um quadro de atrizes e atores que em todos e cada



RUTH DE SOUSA
Brilha em qualquer ponta



um dos aspectos do filme cumpram cabalmente com as exigências das diferentes situações. De que peca, definitivamente, um filme nacional? De notáveis lacunas interpretativas que podem ser a causa de um fracasso. Porque admitindo que um "astro" seja, publicitàriamente falando, a atração de um filme, êle não faz tudo .Necessita ver-se rodeado de elementos não só acordes com sua hierarquia, senão também capazes, se vem ao caso, de salvar com seu trabalho uma situação difícil. Não esqueçamos que o cinema norte-americano tem conseguido, em tal aspecto, consolidar uma série de valores que, sem terem encontrado promoção ao estrelato, têm-se feito donos de um nome respeitável que o público procura com interêsse, porque tem sido testemunha, mais de uma vez, que sua presença é altamente proveitosa para o espetáculo. Tal é o caso de Sydney Greenstreet, Mischa Auer, Walter Slezak, Allen Jenkins, Fay Bainter, Eve Arden, a desaparecida Edna May Oliver, Charles Coburn, Walter Breman e tantos outros. E' o caso também da cinematografia francesa, onde um Jules Berry ("Os visitantes da noite"), Bernard Blier ("Crime em Paris"), Charpin Sylvie, Jacques Rocquevert e tantos outros mais que, sem serem astros, na acepção publicitária do têrmo, fazem possível a unânime opinião acêrca da solidez interpretativa do comum dos filmes franceses. E é que os "segundos papéis" possuem, muitas vêzes, hierarquia de primeira, ou deviam tê-la se não se quer correr no risco de que, por centralizá-lo todo num par de figuras populares, o resto resulte numa coisa inverossímil que não favorece a ninguém.



FLAVIO CORDEIRO
Merece ser aproveitado

TODOS OS ATORES INTERESSAM

No nosso meio é norma que por detrás da figura contratada exclusivamente no cálculo da popularidade obtida no teatro ou no rádio, se reunisse um núcleo amorfo de figuras de cujas condições não se fazia um sério estudo. De então para cá, nos últimos tempos, temos dado alguns passinhos, como seu diminuitivo indica, muito curtos. Não atinamos como no cinema brasileiro contratam uma figura por 20 contos para um filme e ao seu lado colocam uma de 5 contos... e ao resto do elenco pagam 2 contos... e existe quem crie e trabalhe igualmente que os melhores pagos? Esta é uma grande verdade, todavia com bastante vigência, que ao tempo que distancia do cinema figura de valor significa uma economia antieconômica, se a medirmos pelos bons cruzeiros gastos em tempo e celulóide improvisando elementos que não dão no





MODESTO DE SOUSA
Primeiro ator em segundo plano.



GILBERTO MARTINHO
Revelação de Maria da Praia



ZIEBIMSKI
Um bom ator só agora aproveitado



LUISA BARRETO LEITE
Especializou-se num tipo

JOSÉ LEVGOY
Nosso melhor ator secundário.





couro. Temos, é natural, um muito reduzido núcleo de figuras cuja presença num elenco é uma dupla garantia para o público e o espectador. Não citemos nomes para evitar involuntários esquecimentos, porém citemos um exemplo, um ao acaso: não estamos todos de acôrdo de que o trabalho de Carlos Vergueiro em "Caiçara" era suficiente motivo para ver o filme? Entretanto, reconheçamos que, no conjunto, não temos alcançado, e estamos muito longe, a solidez necessária, ideal, que faça possível que o trabalho interpretativo, em cada uma de suas partes, e no todo, resulte impecável. Poderemos consegui-lo? Claro que sim. Existem produtores e diretores que, levando em conta esta opinião, queixam-se, apesar de tudo, que faltam atrizes e atores capazes, que não podem iludir a rotina. E' uma defesa inconsistente. O material humano existe. O que gravita é um problema econômico e um problema psicológico: o sutil menosprêzo para com os papéis secundários, ao que se resistem, com uma parcela de razão muitos intérpretes. O êrro está em vê-lo todo em função do "astro" sem advertir quanto melhor é para êste o ver-se rodeado de atores de valor e respeitados artìsticamente. Porque é evidente que a importância de um papel não tem que medir-se necessàriamente pelo tempo de aparição na tela, senão em sua penetração dramática ou sua intenção satírica, pela sua gravitação no processo da ação, verdadeira importância e não inventada dos "segundos papéis", nos quais temos visto ganhar glórias a um Peter Lorre, um Erich von Stroheim e até um Jean-Louis Barrault (que em "Eu atraiçoei", chegou a superar o protagonista Pierre Fresnay). Reivindiquemos artística e econômicamente os "segundos papeis". Não se duvide de que haverá atrizes e atores de qualidade para satisfazer tôdas as exigências, e que o produtor sairá ganhando quando tenha conseguido que, à parte da atração dos luminares do estrelato, muito público se decida a ver um filme porque trabalha fulano ou sicrana.





JACKSON DE SOUSA
Sabe tirar partido dos papéis.

"O FIM DO MUNDO"

(WHEN WORLDS COLLIDE)

O Dr. Bronson, eminente cientista do Observatório de Monte Kenna, na África do Sul, faz a estarrecedora descoberta de que a estrêla "Bellus" e o novo planêta "Zyra" rumam em direção à Terra, numa velocidade de milhares de quilômetros por hora, prevendo-se que, num máximo de nove meses, o planêta passará rente ao nosso mundo, provocando furacões, terremotos e incêndios e, dezenove dias depois, quando a estrêla "Bellus" colidir com a terra, haverá a destruição de tudo.

Um aviador, que faz a linha da África do Sul, Dave Randall, recebe a incumbência de ir aos Estados Unidos levar um relatório da descoberta ao mundialmente famoso astrônomo do Observatório de Nova York, professor Hendron. Randall é recebido pela amável e bonita filha do professor, que o leva ao gabinete do pai. Êste, após receber o documento e comprovar sua autenticidade, chega à conclusão de que o outro astrônomo tinha razão.

Dias depois, chegam a Nova York o professor Frye, diretor do Instituto de Tecnologia de New England, e o próprio dr. Bronson, os quais, juntamente com o professor Hendron, levam ao Comité das Nações Unidas a comunicação do estranho fenômeno, fazendo ao mesmo tempo um veemente apêlo para que enérgicas e urgentes medidas sejam tomadas, com o fim de amenizar os terríveis efeitos do cataclismo iminente.

Mas os componentes daquela assembléia internacional se mostram céticos e indiferentes, preferindo dar crédito ao cientista Ottinger, que afirma ser destituída de base e inteiramente absurda a pseuda descoberta feita a respeito de "Bellus" e "Zyra".

A Imprensa, de um modo geral, não leva a sério a advertência alarmante do dr. Bronson; alguns jornais chegam mesmo a fazer humorismo em tôrno das suas pesquisas e observações. Entretanto, se bem que em pequeno número, algumas pessoas ficam impressionadas com a terrível descoberta.

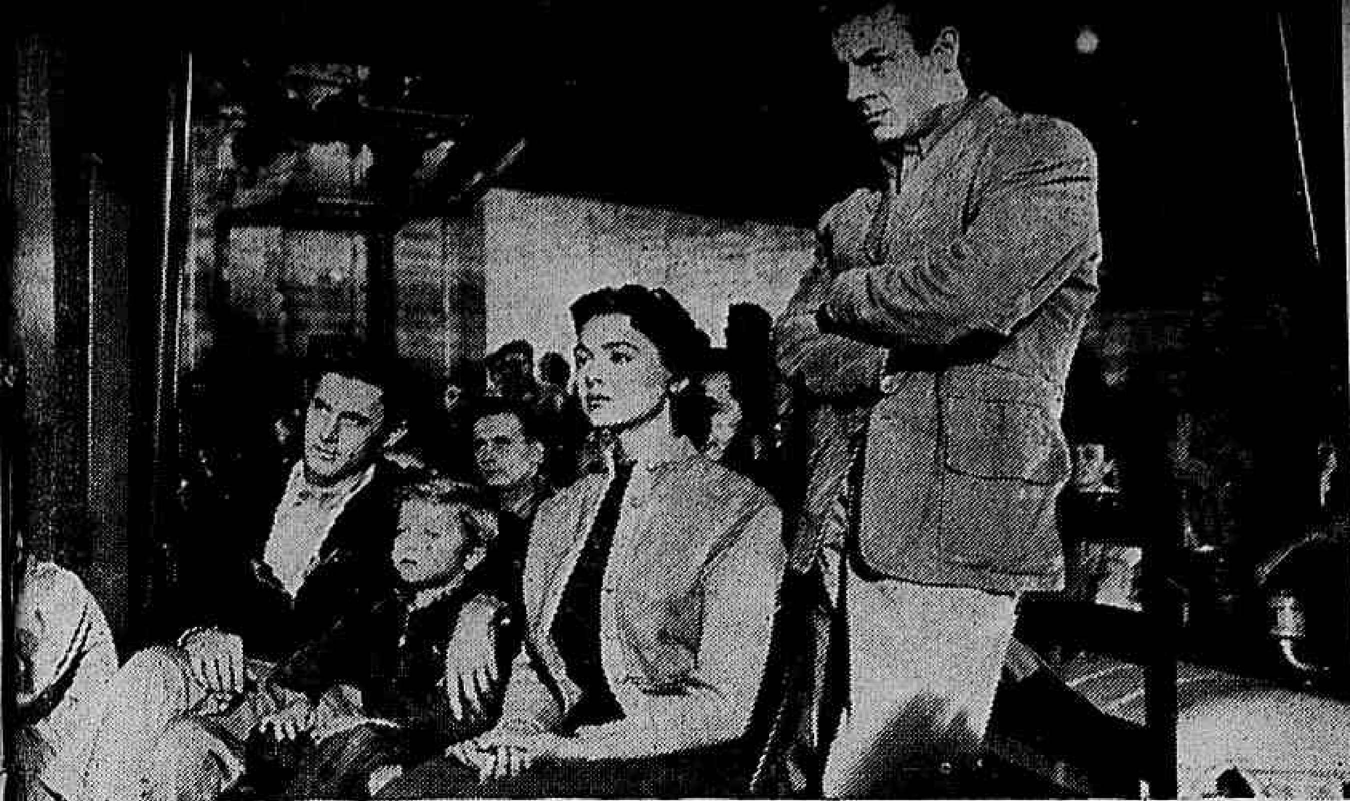
O dr. Bronson afirma que há vegetação no planêta "Zyra", o que faz supor a possibilidade de entes humanos poderem viver em suas terras. O professor Hendron sugere então que seja construído um gigantesco "avião-foguete", para atingir o planêta quando o mesmo passar próximo à Terra. Como passageiros e carga seguirão 44 pessoas, vários casais de bichos e tôdas as espécies de sementes, numa verdadeira versão modernizada da Arca de Noé!

O multimilionário Stanton, cujo mundo se confina a uma cadeira de rodas, devido a um ataque de paralisia que lhe tolheu os movimentos, prontifica-se a fornecer os recursos pecuniários que possibilitam a construção do navio-aéreo.

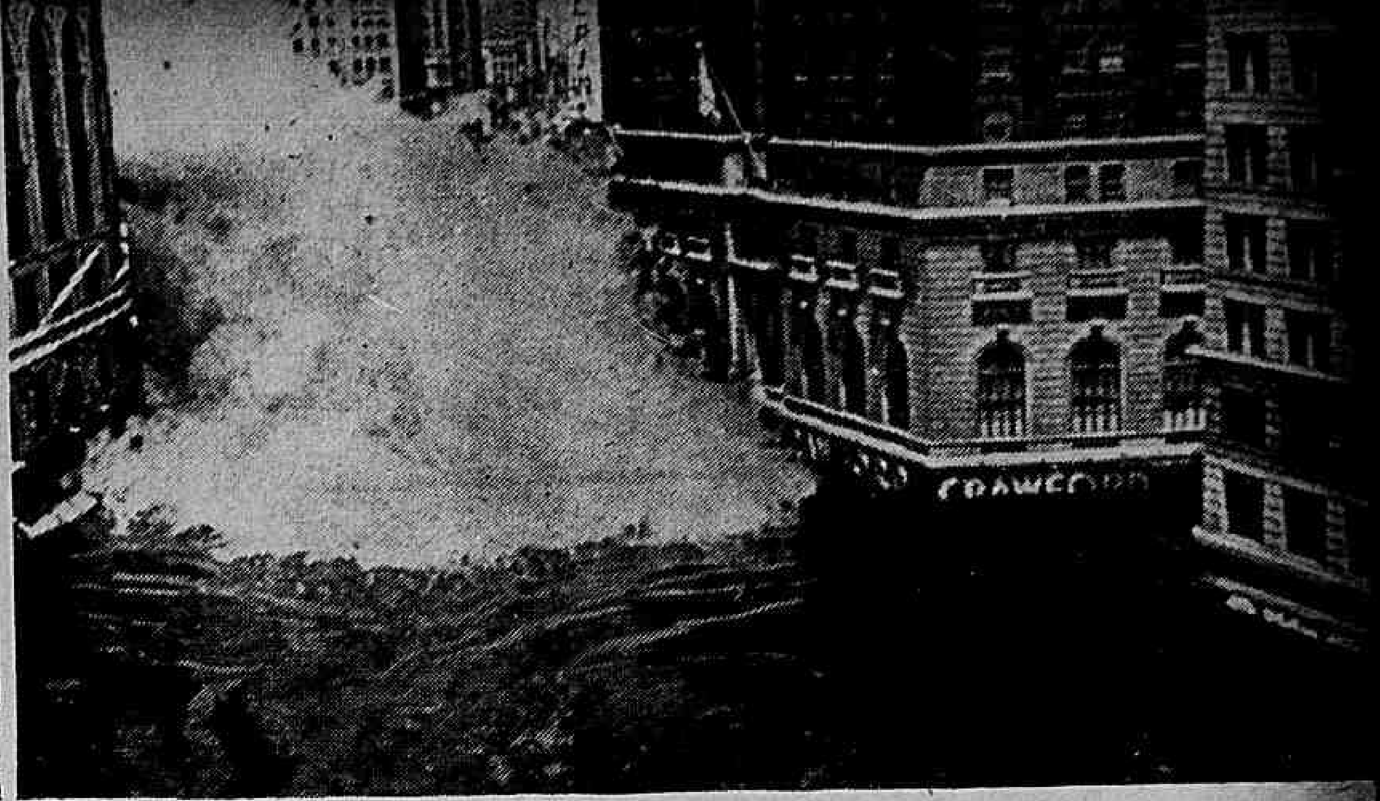
Enquanto isso, a filha do professor Hendron, a encantadora Joyce, se vê diante de um dilema: atender ao pedido do seu noivo, dr. Tony Drake, que deseja casar imediatamente, ou levar em consideração as juras de amor feitas por Randall, que se confessa apaixonado por ela.

Num ponto próximo a Nova York, no tôpo de um monte, trabalha-se dia e noite, numa frenética luta contra o tempo, para aprontar o mais rápido possível o arrojado transporte —





Realiza-se um sorteio para a escolha dos passageiros do navio foguete. Todos permanecem apreensivos.



A aproximação do planêta «Zira» convulsiona a terra. «Time Square» é invadida pelo oecano em fúria...

interplanetário. Centenas de homens e mulheres labutam, sob as ordens diretas de Joyce e seu pai, tratando de mil e um pormenores, inclusive da preservação de documentos históricos.

À medida que os dias passam, o dr. Tony Drake se vai convencendo de que Joyce está retribuindo as demonstrações de afeto de Dave. Mas, em vez de ficar irritado, encara os fatos com esportividade, continuando a trabalhar em comum com os dois.

Tal como Bronson e Randall haviam previsto, a aproximação do planêta "Zyra" convulsiona o globo terrestre, registrando-se terremotos, ciclones e inundações nos mais diversos pontos do mundo. O próprio Bronson vem a ser vítima da tragédia, perdendo a vida quando um enorme guindaste, deslocado pelo tremor, cai em cima dêle.

Redobram-se os esforços para a rápida conclusão dos trabalhos do "avião-foguete". Providências são tomadas para a realização do sorteio que decidirá quais as pessoas que, além de Hendron, Joyce, Tony, Frye e Stanton, deverão seguir rumo ao mundo desconhecido.

Dave pondera que êle não é melhor do que qualquer um dos outros, devendo, portanto, entrar no sorteio. Mas Tony, não ignorando a felicidade futura de Joyce, que dependerá da viagem normal do aparelho até ao seu destino, faz ver a todos que Dave é o único pilôto capaz de substituir Frye, que está impossibilitado de assumir o comando devido a uma lesão cardíaca.

Stanton e Hendron, por sua vez, perdem a vida quando tomam a providência final para a ascensão do avião, Hendron preferindo ficar e impedindo Stanton de fazê-lo. O navio-aéreo levanta vôo em direção a um mundo novo, onde começará uma nova civilização, enquanto que a terra é destruída num inferno de fogo e sangue!



PERSONAGENS:

Dave Randall	RICHARD DERR
Joyce	BARBARA RUSH
Tony	PETER HANSON
Stanton	JOHN HOYT
Dr. Hendron	LARRY KEATING
Julie Cummings	JUDITH AMES
Dean Frye	STEPHEN CHASE
Harold Ferris	FRANK CADY
Dr. Bronson	HAYDEN RORKE
Ottinger	SANDRO GIGLIO
Estudante	MARY MURPHY

Produção de George Pal — Direção de Rudolph Maté — Côres por tecnicolor — Screenplay de Sidney Boehm — Baseado numa novela de Edwin Balmer. — Filme da Paramount.

O CRISTO *Proibido!*

1. A condição essencial do diretor, quando artista, é que seja também o autor do cenário, da cenarização e do diálogo. O diretor, que se limita a realizar um cenário e uma cenarização de outro, faz simplesmente um trabalho de rotina: é semelhante a um escritor que narrasse um argumento, servindo-se do poder descritivo de um outro. Tenha-se em mente a tessitura de um romance encontrado entre as cartas póstumas de Dostoievsqui, e "relatado" por Moravia.

E' vêrdade que cada diretor tem seu próprio estilo pessoal, mesmo quando realiza cinematogràficamente o cenário e a cenarização de outro. Mas isto é verdade apenas em um ponto, pois o sèu estilo se prende quase exclusivamente aos limites da técnica que, sendo própria do diretor — constituindo quase apenas aquilo que se chama estilo pessoal, permanecendo sempre igual, seja qual fôr o estilo do argumento, da cenarização, dos diálogos da história — constitui um elemento fixo, imutável, necessàriamente em contraste com o estilo do argumento, da cenarização e dos diálogos. Disso nasce inevitàvelmente aquela mistura de estilos, que é sensível em tôdas as obras cinematográficas nas quais o diretor não é ao mesmo tempo o autor do argumento, da cenarização e dos diálogos (o que não ocorre, por exemplo, nos filmes de Chaplin, de Stroheim).

E não vale dizer que um diretor escolhe o cenário e a cenarização que melhor se adaptam ao seu estilo pessoal, pois tal coincidência afortunada não pode, na vida de um diretor, acontecer senão raríssimamente. Quando o que sucede, ao invés, é ver-se diàriamente êste ou aquêle diretor, e dos melhores (tipo americano), passar de Dostoievsqui a Diskens, de Flaubert a Tolstoi, como se Dostoievsqui, por exemplo, contivesse em si os mesmos elementos (próprios do estilo pessoal do diretor) que tem Flaubert.

2. Nem se diga que o cenário e a cenarização representam, para o filme, aquilo que o libreto da ópore é para a música, e que existem libretos de ópera horrorosos revestidos de belíssima música. Pois que não se pode, de modo algum, comparar a técnica cinematográfica à música, nem o musicista ao di-



retor de cinema. A música, com respeito à ópera, é coisa estabelecida, é um vestido que se pode sempre despir do manequim sem por isto mudar de forma e de côr; enquanto a técnica cinematográfica é intimamente ligada à cenarização, a ela condicionada, dela dependente, não sendo possível imaginar uma pura técnica cinematográfica, uma técnica abstrata, independente da cenarização. Não se pode, pois, imaginar um filme que seja o que na música é uma sinfonia.

O diretor, que não seja ao mesmo tempo autor do argumento e da cenarização, pode se assemelhar mais a um diretor de orquestra, nunca a um compositor. A êste propósito se observe que a figura do diretor de orquestra começa a aparecer, e assumir importância, na segunda metade do século passado, quando teve início a decadência da música. Poder-se-á pensar, neste caso, que o cinema esteja em decadência, seguindo o mesmo diapasão?

3. Não, certamente; mas está em rápido caminho de decadência a figura do diretor-regente de orquestra. E' verdade que tal espécie de diretor se vem multiplicando no cinema americano, onde o diretor-compositor está por aparecer. Mas, no cinema europeu, a figura do diretor-compositor vem tomando fôrça, e em alguns setores já domina.

(Cont. na pág. 34)





Flashes Mundiais



Aqui têm vocês a mais recente foto de Carmen de Lírio, uma linda morena do cinema espanhol. Carmen, ainda desconhecida dos fãs brasileiros, é sem dúvida uma das mais belas estrêlas da atualidade. Ei-la como aparece em «Parsifal», em pleno Bosque dos Pecados, envôlta num imenso manto negro, através do qual sobressai o rosto da artista. Esta esplendida foto é um belo exemplo de bom gôsto, que fixa a beleza serena e altiva desta magnífica mulher que é Carmen de Lírio.

ESPANHA

JÁ foram iniciadas, em Madrid, as filmagens de «Horas Inciertas», que tem no papel título o galã Juan Manuel San Juan, ma nova descoberta do cinema espanhol.

★

AMPARITO Rivelles, uma das mais prestigiadas estrêlas de Madrid, anuncia para breve uma viagem ao México, onde deverá aparecer como estrêla de vários filmes rodados na capital mexicana.

★

AINDA não está definitivamente assentado qual será o título da nova produção «Cifesa», que focaliza a vida de Santa Tezinha, tendo como protagonista Aurora Bautista. A escolha do mesmo deverá recair entre «Tereza de Jesus» e «Tereza de Avila».

★

FALA-SE muito numa nova viagem à Espanha da estrêla Emília Guiu, atualmente trabalhando no cinema mexicano. Emília deverá atuar em um filme a ser rodado na capital espanhola.

★

PARA algumas das cenas de «Alba de América», em que aparece uma das 3 famosas caravelas de Colombo, a «Santa Maria», foi construida em Madrid, uma reprodução exata da mesma, que tem atraido aos estúdios grande número de curiosos, desejosos de ver como era a famosa embarcação do descobridor das Américas.

★

VEM alcançando grande êxito a apresentação, no México, da película espanhola «Balarrasa», que ali vem sendo exibida com o título de «Com las manos vacias».

ESTADOS UNIDOS

Henry Hull, ao caracterizar um diretor cinematográfico de uma velha escola, não só dá ao seu personagem o caráter que tradicionalmente se lhe atribui, como usa um autêntico traje de diretor. Hull personifica um diretor de cinema da época em que êste era ainda mudo, na película "Assassinato Entre Estrêlas" (Hollywood Story), um melodrama da metrópole do celulóide. O departamento de investigações examinou centenas de fotografias, antes de achar uma que servisse de modêlo para o traje de Hull. A foto é de vinte cinco anos, e mostra Cecil B. DeMille vestido com bombachas, botas altas, casaco largo sem cintura, boné de aba, e munido de seu correspondente megafone. "Assassinato Entre Estrêlas" tem como protagonistas a encantadora Julia Adams e Richard Conte. Êste filme traz de novo à tela figuras do cinema mudo, como Francis X. Bushman, William Farnun e Betty Blythe.

★

Segundo Tom Ewell, a melhor escola para um ator são as atribuições alheias a sua profissão. "A tarefa do artista", disse Ewell, expondo as características de sua teoria, "consiste em caracterizar as pessoas. Não se pode chegar a conhecer os diversos tipos que formam a sociedade lendo livros ou escutando a opinião de outras pessoas. E' necessário ir procurá-las, discutir com elas e as estudar pessoalmente". Ewell personifica, atualmente, um dos dois personagens que se fizeram mundialmente famosos na Segunda Guerra Mundial. Trata-se de Willie e Joe, a célebre dupla de soldados que Bill Maudin popularizou em suas caricaturas. Ewell encarna a Willie e David à Joe, na versão cinematográfica Universal-International, das aventuras deste par, filmada com o título de "Heróis da... Retarguarda" (Up Front).

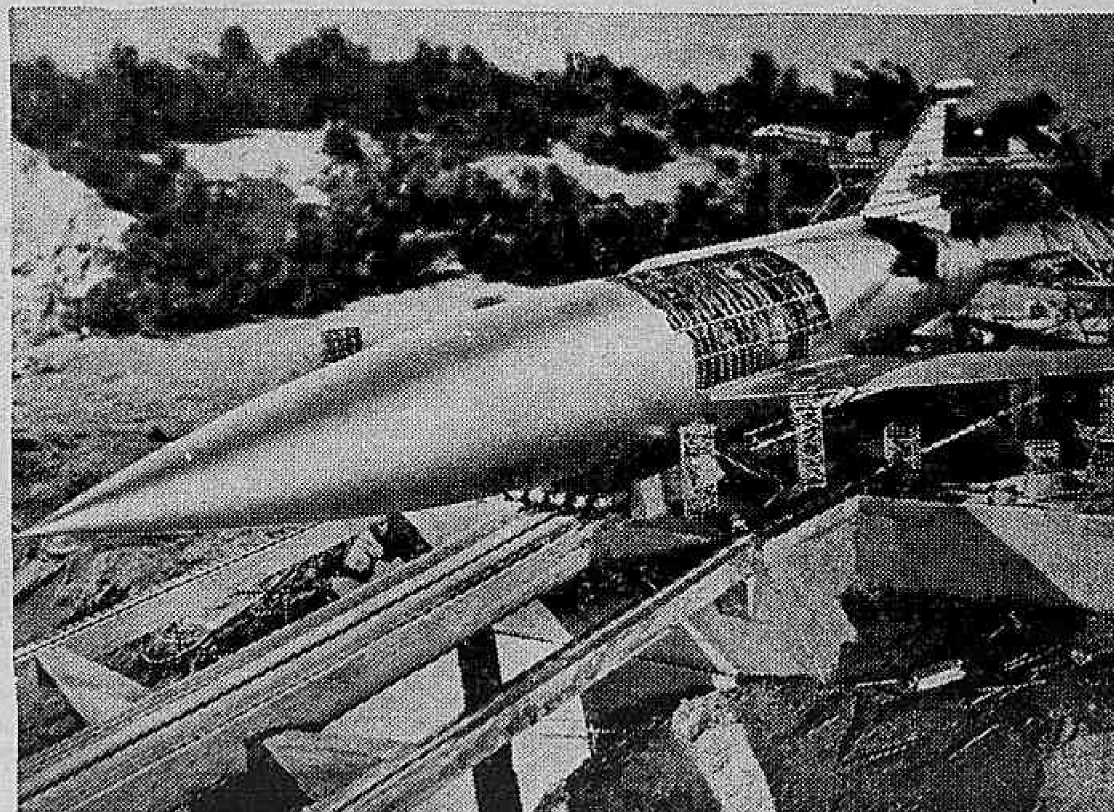
★

Peggie Castle não dorme sôbre seus louros, esperando que lhe dêem trabalho. Passa o tempo descobrindo meios de conseguir papéis da Universal-International.

Esta bela e jovem "estrêla" sentiu nova esperança quando os diretores procuravam uma atriz para encarnar uma importante personagem, na fita em Tecnicolor "O Princípe Ladrão (The Prince Who Was a Thief), da qual foram protagonistas Piper Laurie e Tony Curtis. Peggie vestiu as finas sêdas orientais e cubriu seu rôsto com a exótica maquilagem de uma princesa árabe, colocou uma negra peruca em sua cabeleira loura e empreendeu uma perigrinação pelo estudio, falando com todo aquêle que tivesse algo a vêr com o filme. Seu objetivo era mostrar que o papel lhe cabia exatamente. E o papel foi seu.

Agora ambiciona representar, ao lado de Audie Murphy, no filme em Techicolor provisòriamente intitulado "O Último Refúgio" (The Cimarron Kid) que breve será iniciado.

Superando sua anterior idéia, Peggie vestiu um short e uma blusa decotada, que lhe deixava à mostra seus belos ombros e, depois de fazer com



«O Fim do Mundo» é mais um filme em que os habitantes da terra vêem-se às voltas com planetas estranhos e objetos fantásticos. Nesta foto o «navio foguete», um dos veículos empregados para excursões pelos espaços, em busca de aventuras.



PEGGY CASTLE
(O último refúgio)

que um fotógrafo a retratasse numa série de pôses cada qual mais sedutora, foi deixando suas fotos nas mesas de todos os diretores do estúdio, como segundo passo em sua campanha para conquistar o papel.

O departamento de elencos não revelou suas intenções até hoje, mas não resta dúvidas que a decidida e linda atriz figurará na lista das principais candidatas.

★

Seguramente Cristóvão Colombo não teve tanta dificuldade em convencer seus contemporâneos de que o mundo é redondo, como as que experimentou certa pessoa ao tentar vender novas idéias para as películas de Hollywood.

Boa prova do que afirmamos nos proporciona o diretor Arthur Lubin, que passou um ano e meio tentando vender a história de Francis, o mulo que fala, a diversos estúdios, antes que os diretores da Universal-International se arriscassem a comprá-la. Esta película é uma das que mais êxito têm alcançado entre as rodadas nos referidos estúdios.

"Não podemos colocar um mulo como primeiro ator". Onde se viu um mulo falar? Que conversam os patos, pássaros e até, se quiserem, os cavalos? Mas... um mulo!" Estas e outras eram as razões pelas quais outros estúdios recusavam o argumento de "E O Mulo Falou".

Lubin acaba de terminar a filmagem, nos estúdios de Universal-International, de uma continuação da mencionada película. Trata-se de "Francis Nas Corridas" (Francis Coes to the Races), resultado natural do êxito obtido por "E O Mulo Falou".

Não obstante, nem o triunfo de "E O Mulo Falou" serviu à Lubin para abrir caminho a sua idéia de levar à tela uma obra na qual um gato faz parte de um time de beisebol. A maioria dos estúdios a recusaram. A U. I. tinha já sua história, além do mulo que fala; a de "Harvey", a história de um coelho invísivel; e a de "Bonzo", que é um simpático chipanzé. O elenco de atores animais estava pois completo. Lubin conseguiu finalmente vender sua idéia do gato à Paramount. Não faz muitos anos, resultava tarefa mais que difícil vender algo novo em Hollywood, devido ao mêdo, supersticioso ou real, que experimentavam os possíveis compradores ante os temas proibidos ou que se afastavam da rotina. O crescente êxito alcançado pelos argumentos originais, e a constante demanda de temas novos, trouxe em conseqüência o desaparecimento de velhos preconceitos.

★

Devido ao fato de não se ter encontrado, em Hollywood alguem que se parecesse com Lou Costello, o cômico gorducho teve que encarnar a seu próprio avô, em "Bruxaria", nova película que protagonizam Abboutt e Costello.

O diretor Charles Barton entrevistou 20 candidatos, antes de chegar à conclusão de que Lou era o único que podia representar o papel com acêrto.

(Continua na pág. 28)



Realizou-se recentemente no «Warner Theatre», de Londres, a «première» de «The Lady With a Lamp.», produção inglêsa que retrata episódios da vida de Florence Nightingale. A «première» contou com a presença de SS.AA.RR. a Princesa Elizabeth e o Duque de Edimburgo. Na foto vemos, da esquerda para à direita, a Princesa Elizabeth, Ann Neagle, Herbert Wilcox e a Condessa de Mountbatten.

INGLATERRA

AS PRODUÇÕES da London Films International, de Londres, a grande organização dirigida por Sir Alexander Korda, que tantos filmes de extraordinário sucesso tem apresentado em todos os tempos, voltarão a ser exibidas com regularidade no Brasil, em virtude de sua distribuição ter sido confiada à União Cinematográfica Brasileira. São filmes que confirmam a reputação, de todo merecida, da London Films, de apresentar sempre nas telas do mundo inteiro sòmente películas da mais alta categoria. E é intenção de Sir Alexander Korda manter a todo custo essa reputação, já que, sob sua bandeira, figuram os melhores diretores, escritores e técnicos da indústria cinematográfica britânica. ★ ANUNCIA-SE, para muito breve, a exibição entre nós da obra prima de Powell & Pressburger — «Contos de Hoffmann» — produção em tecnicolor da London Films. Em todos os lugares onde tem sido exibida, a maravilhosa produção do moderno cinema britânico tem batido todos os recordes. No Carlton Theatre, no famoso West End, de Londres, já está na sua 16ª semana de exibição. Em Paris, atingiu a 10ª semana; enquanto que, nos Estados Unidos, atingiu a 17 semanas em Nova York, 15 semanas em Chicago; 14 semanas em Filadélfia; 15 semanas em Washington e 9 semanas em Los Angeles. «Contos de Hoffmann» é uma estupenda conjugação de «ballet» e cinema em espetacular tecnicolor, e certamente será um digno sucessor de «Os Sapatinhos Vermelhos».



Aqui temos uma seqüência de «Sinfonia Amazônica», o tão anunciado primeiro desenho animado nacional. Esta nova produção brasileira traz o sêlo dos Latini Studios, e tem seu lançamento programado para breve. Aguardemos, pois.

CINEMA BRASILEIRO

"ANGELA", a terceira produção da Vera Cruz, foi produzida e dirigida por Abílio Pereira de Almeida e Tony Payne. Contando com um numeroso "cast", encabeçado por Eliana Lage, Alberto Ruschel e Mário Sérgio, a história, baseada num conto de Hoffmann, conta-nos as lutas e os sacrifícios de Ângela (a heroina) pelo amor de um inveterado jogador. Também Luciano Salce, Inesita Darroso e Ruth de Souza apresentam uma boa atuação nesta nova produção nacional.

VEM SENDO aguardado com interêsse o lançamento de "Sinfonia Amazônica", o primeiro desenho animado em longa metragem produzido no Brasil. O desenhista Anélio Latini Filho, seu realizador, deposita grandes esperanças em seu trabalho e acredita que, dentro em breve, possamos ter uma verdadeira indústria de desenho animado no Brasil. O jovem desenhista brasileiro, aliás, tem recebido interessantes propostas da Europa e dos Estados Unidos, para exibição de "Sinfonia Amazônica".

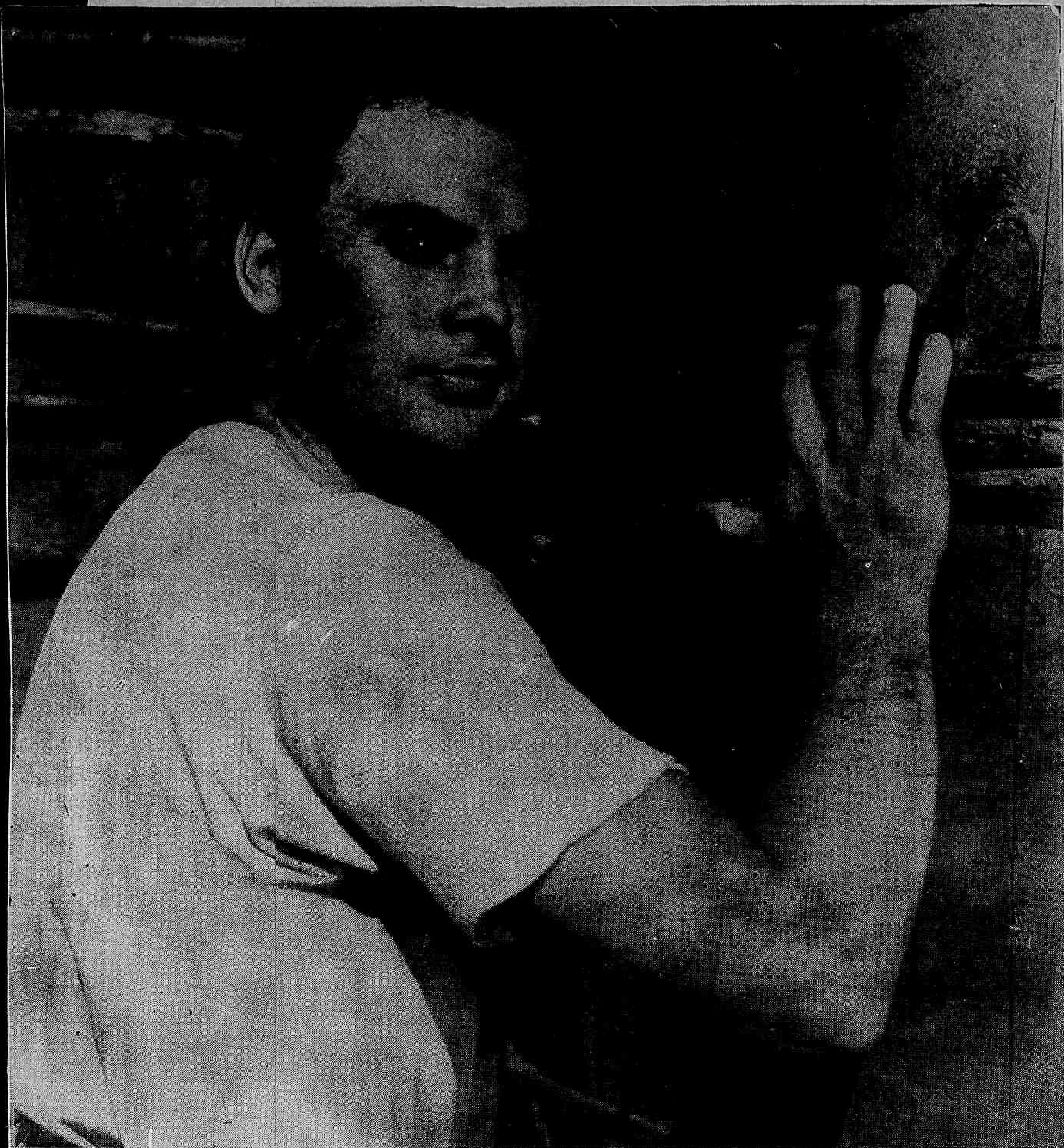
PERNAS PARA OS OLHOS...
OU OLHOS PARA AS PERNAS





A estas horas, esta bonita e «muito bem feita» Monica Lewis deve estar na Coréia (será por isso que estão apressando o armistício?). Faz parte do elenco da Metro-Goldwyn-Mayer, será vista — e revista, que vale a pena — com Red Skelton em «Desculpe a Poeira!» (Excuse My Dust), e tem gravado muitos discos. Quase desconhecida no cinema, é bom que se diga, Monica é popularíssima, na América, entre os discomanos, sabiam? Que dirias tu destas pernas, Mistinguette?...

Num jeito assim de foto de propaganda de «volta aos campos, na terra está a riqueza, cultivar é trabalhar pela humanidade», etc., aparece, ou melhor, reaparece dona Denise Darcel, que fêz aquêle interessante pequeno papel em «O Preço da Glória», lembram-se? Denise vai voltar, de novo graças à Metro-Goldwyn-Mayer, em «O Poder da Mulher» (Westward the Women), com Robert Taylor. Quer dizer, Bob Taylor, ela e mais 199 mulheres! Já é! (Queremos dizer: já é sorte de Robert Taylor!)



JOHN AGAR

A moda dos atores bonitões jamais morrerá, em qualquer cinema do mundo. Especialmente no americano, cujas "caras bonitas" encontram mercado em qualquer pôrto e asseguram a bilheteria de qualquer filme. John Agar, por exemplo, é um dos atores favoritos de John Ford — e tem dado conta do recado. Ao menos no que concerne ao volume de correspondência com letra feminina. Agar, "ex" de Shirley Temple, e atual de um belíssimo modêlo de Chicago, continua firme no cinema, estrelando fitas de faroeste. Na tela é um bom moço, mas na vida real, dizem — é uma boa peste. Mas nós aqui não temos nada a ver com isso...



SHELLEY WINTERS

DIZEM os entendidos que miss Winters substituiu Jean Harlow, cuja lacuna, depois de sua morte, tardou a ser preenchida. Em verdade, Shelley Winters revelou-se uma menina inteligente, graciosa, bonita e muito, bem... e muito. Na vida real, Shelley Winters tem dado muito trabalho, provocando muito trabalho, não só em "night-clubs" como dentro do próprio estúdio. E' a campeã da discórdia no cinema americano. As mulheres não sabem por que; mas os homens compreendem perfeitamente. O leitor não acha?



JÁ se vai tornando hábito do nosso cinema a apresentação dos artistas dos nossos filmes nas sessões de estréia. Quase tôdas as companhias confiam a um locutor ou mestre de cerimônias para trazer até ao palco o elenco da fita e êste, por sua vez, saudar o público. Êste fato proporciona ao fã uma grande satisfação por poder olhar, fora da tela, seus artistas preferidos e obter seus autógrafos e mesmo falar com êles. Êsse contato naturalmente que é proveitoso para o artista pois de qualquer forma, apesar dos empurrões e agarramentos, é uma forma de publicidade e incontestàvelmente angaria simpatias. O público começa a mostrar um maior interêsse por êle e seu trabalho. Além do mais, tanto o astro como a estrêla, os coadjuvantes, o diretor, o músico, etc., misturados em meio da sala de espetáculos, colhem opiniões às vêzes proveitosas que mais tarde servirão para um detalhe dum filme posterior. O cinema brasileiro já possui seus ídolos que não podem andar desprevenidos pela rua sem serem assediados pelos fãs. Tal qual as grandes capitais do mundo, onde a simples presença de um artista num lugar público provoca a reviravolta das cabeças femininas e o ímpeto dos fãs ardorosos. Nossos ídolos já recebem milhares de pedidos de envio de fotografias; êles, coitados, que ainda não ganham o suficiente, vêem-se na obrigação de dispender do próprio bôlso a quantia necessária para isso, pois as companhias locais não fornecem nem sequer material para a imprensa quanto mais para a divulgação de seus contratados. E também, como acontece lá fora, os astros brasileiros são assolados por uma verdadeira onda de missivas amorosas e pedidos de casa-

Adolfo de Cruz, de «Cine Reportagens-43», tem feito várias apresentações de artistas, em colaboração com «A CENA», nos diversos cinemas da cidade. No clichê, vêmo-lo ao lado de Eliana, quando esta saudava o público, durante a estréia de seu último filme.

O BRASIL APLAUDE SEUS ARTISTAS

NUM MAIOR CONTACTO COM O PÚBLICO, OS ARTISTAS DO CINEMA NACIONAL APRENDEM MUITA COISA E SABEM DIFERENCIAR OPINIÕES ★ COMO EM HOLLYWOOD, PARIS, ROMA E BUENOS AIRES, O RIO PROPORCIONA AS MULTIDÕES VEREM "AO VIVO" OS ASTROS DO NOSSO CINEMA

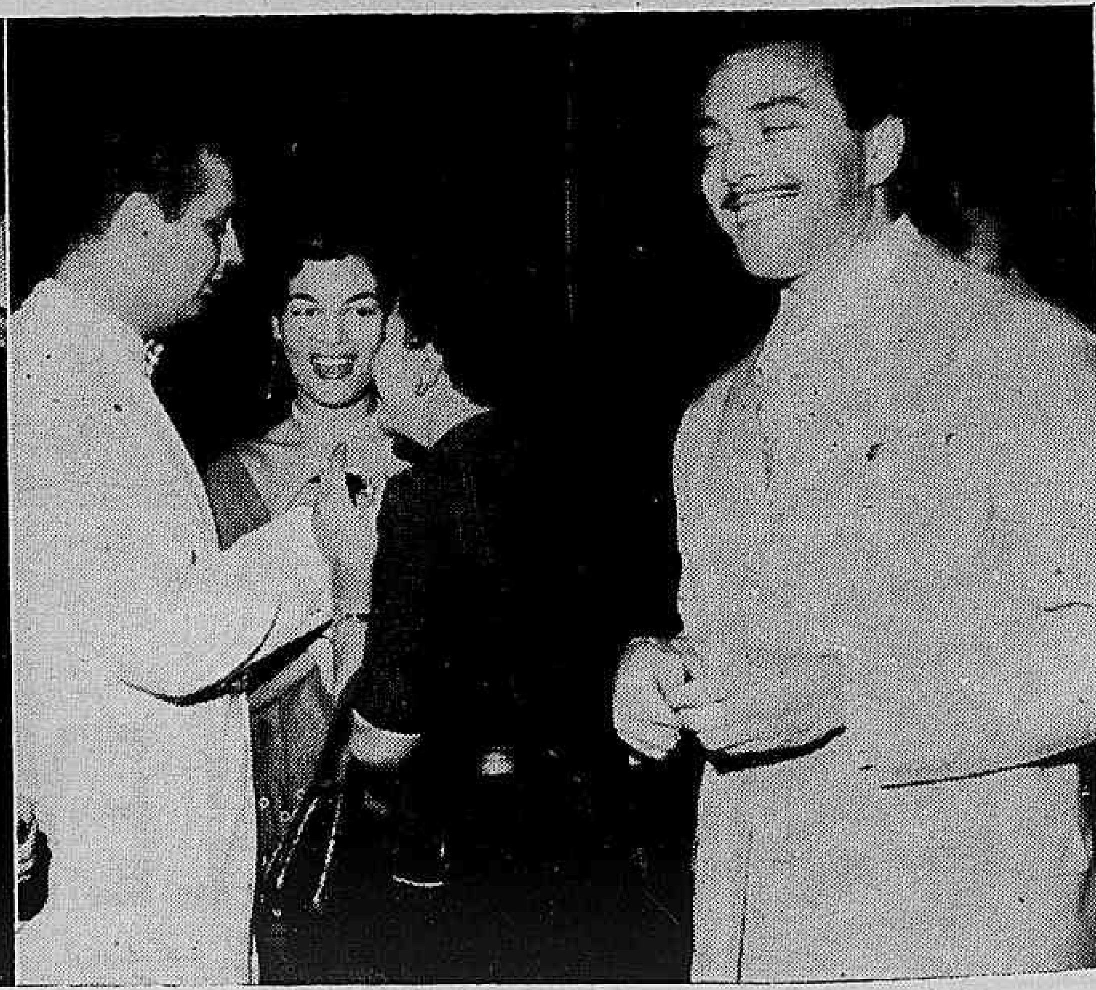
Reportagem de CARLOS ARENA ★ **Fotos de NÓGDI**



Bené Nunes, Cyl Farney e José Lewgoy chegam ao cinema depois de transpor a barreira compacta formada pelos fãs.



Luisa Barreto Leite, Watson Macedo, Cyl Farnery e Eliana, agradecem ao público as várias demonstrações de aprêço pelos seus trabalhos.



Ivon Cury, concede autógrafos, enquanto Bené Nunes diz irônicamente, «interessa?» Não há dúvida de que a expressão de Bené é «muito interessante».

mento. Justiça seja feita às várias emissoras cariocas, que muito têm contribuído, com o prestígio e fôrça de penetração de seus prefixos para a propagação dos atos cinematográficos em nosso país. Entrevistando, fazendo comandos dos estúdios onde se filma, recolhendo opiniões de críticos e do público, promovendo reuniões, etc., os responsáveis pelos programas especializados da cidade têm uma boa parte no êxito dessas demonstrações sociais da gente do nosso cinema. Ùltimamente, a revista A CENA, em colaboração direta com o programa "Cine-Reportagens A-3", de Adolfo Cruz, tem vindo oferecendo irradiações das sessões inaugurais de casas de espetáculos e também das estréias dos filmes nacionais, fato que se verificou com a produção da Atlântida "Aí vem o Barão". À medida que o locutor ia apresentando os artistas, Eliana, Cyl Farney, José Levgoy, Ivon Cury, Luísa Barreto Leite, o diretor Watson Macedo, Bené Nunes, a platéia aplaudia delirantemente, identificando-se com êles, que tanto nos falam ao coração, por pronunciarem nossa língua e terem nossos costumes. E o cinema quase veio abaixo quando se anunciou a presença de Oscarito, o rei da popularidade no Brasil, que subiu ao palco, um pouco tímido, receioso, como se ainda o procurasse o vilão Levgoy, pronto para acabar com sua vida. Mas, qual nada. Apenas começou a falar ao microfone, metralhou seus fãs com uma série de piadas impagáveis e fêz uma pose igual a do "Barão". Finalizando o desfile, iniciou-se a projeção do filme e os assistentes passaram a apreciar o espetáculo em si. Várias foram as reações: uns gostaram, outros não, ainda outros ficaram indiferentes, mas todos apreciaram sobremaneira a distinção dos "astros" e sua amabilidade para com o público, que está prestigiando nossa indústria com carinho e esperança. E' a maior recompensa que o cinema brasileiro poderia receber nesta dramática encruzilhada em que se debate atualmente.



Oscarito, o rei da popularidade, comparece ao cinema protegido por amigos, pois a multidão não queria deixar passar o grande cômico.



Eliana e Luisa Barreto Leite, saem da sessão satisfeitas com a reação favorável dos assistentes que tanto aprêço tiveram para com os artistas.



Oscarito e Watson Macedo trocam opiniões acêrca do desempenho e direção do filme, enquanto o «Barão» escuta com atenção.

CINE ROMANCE

Naquele momento nascia uma forte atração entre a mulher sedenta de liberdade e o homem desejoso de aventuras...

A VÍTIMA DO DESTINO

1918... O mundo acaba de sair de uma catástrofe. Em Versalhes fôra assinado o Armistício e pelo mundo inteiro a humanidade festejava aquêle acontecimento e, tal como em Paris, Londres ou Nova Iorque, Buenos Aires estava regorgitando, delirantemente, a Paz tão almejada. Pelas ruas e pelas praças, pelas avenidas ou pela mais humilde rua do bairro proletário, a alegria era intensa e comunicativa. Cantavam-se os hinos francês e argentino, misturavam-se as últimas melodias em moda e os gritos de "Viva a Páz!" e estouravam no ar foguetes ruidosos. A alegria reinava na capital portenha, sem distinção de raças ou classes, — era uma festa de confraternização!

Por detraz das janelas de um confortável lar, discute-se, ainda, sôbre a guerra. Mireya olha para a rua através do cortinado da janela.

— Não compreendo êsse entusiasmo dos arruaceiros...

Mireya, ràpidamente gira nos calcanhares e olha altaneira para o seu noivo e sem poder se conter exclama:

— Não percebem a significação dêste dia?

E apontando para a rua:

— O fim de quatro anos de horror, um verdadeiro pesadelo do mundo inteiro!

Diante destas palavras seu noivo retrucou:

— Tolices... Essa guerra não nos interessa...

Agora era o seu pai, sr. Pedro, quem falava.

Mireya, cada vez mais indignada, não podia compreender que êles se esquecessem dos horrores da guerra, dos homens que tombaram mortos e de outros que continuavam, para o resto da vida, aleijados ou com neuroses perturbadoras, da imensa quantidade de lares desfeitos e do infinito número de órfãos! Ali, onde a guerra apenas chegara através do noticiário de jornais, discutia-se firmemente sôbre as vantagens comerciais da guerra! Era o cúmulo!

— Como podem falar de negócios quando morreu tanta gente!?

Seu noivo interroga-a mudamente com os olhos e exclama:

— As guerras, por motivos biológicos, são necessárias. Doutro modo, os alimentos não chegariam para todos. E' a natureza que faz uma purga da humanidade, segundo a lei de Malthus...



Nas movimentadas ruas de Buenos Aires se festejava o Armistício de 1918, entre cânticos e pancadarias.

— Meu caro, é fácil falar longe do perigo — Mireya ri irônica — Queria ver, se tal purga lhe atingisse!

O sr. Pedro se espantou e achou conveniente chamar a atenção de sua filha:

— Lembre-se de que está falando com seu futuro marido!

— Não se preocupe, D. Pedro, contesta firmemente Gustavo, o noivo que a família impunha à Mireya — Conheço-a e tratarei de conter o seu liberalismo quando fôr minha espôsa.

Mireya estava sufocada.

— Saberei continuar com minhas opiniões. Não percebem que o mundo mudou? Que a mulher deixou de ser uma boneca para se tornar uma participante do ideal da humanidade? Milhões de mulheres lutaram nos escritórios, nas fábricas e nos campos de batalha! Somos livres!

Gustavo estava atônito e olhava para a sua noiva como se a visse pela primeira vez. Todavia, ainda, arriscou:

— E' o resultado das suas leituras, dos versos que escreve...

A mãe achou conveniente acalmar os ânimos e com tôda a sua boa intenção foi dizendo:

— Isso acabará... Ana Maria será uma boa espôsa...

— Em nosso lar, — disse Gustavo — não entrarão tais idéias!

— Conservarei minha independência de espírito.

Neste ponto a confusão se disseminou. Cada um queria impor o seu ponto de vista. Ana Maria, a suave Mireya, sentia em seu coração jovem uma ânsia de liberdade, de expandir-se e de misturar-se com a multidão festiva.

— Acho vergonhoso ficarmos aqui, neste remanso pacato, quando o entusiasmo transborda nas ruas.

— Você desejava que estivessemos misturados com a plebe?

— Acredito que deveriamos festejar a Paz!

Uma produção da «Argentina Sono Filmes», lançada pela S. Miguel Filmes.

E L E N C O :

MECHA ORTIZ	Mireya
FERNANDO LAMAS	Alberto
ELENA LUCENA	Nelly
SEVERO FERNANDEZ	Lloveras

em outros papéis:

Anália Gadé — Emilio De Grey — Juan José Porta — Francisco Donádio — Léa Conti — Frederico Mansilla — Teresita Maris, etc.
Argumentação e direção de MANUEL ROMERO.

— Não nos interessa êsse assunto...

— Pois a mim, interessa e eu vou para a rua festejar...

— Não consentirei que você saia...

— Veremos...

Mireya foi para o seu quarto, poz o chapéu e saiu pelos fundos. Já na rua, caminhou até a esquina e tomou um bonde até o centro. Mireya ia ao encontro do destino inconscientemente. Já no meio da multidão, de repente, viu-se envolvida numa bulha de folgazões mais ousados e eis que de entre os amotinados sente que a puxam valentemente para fora. Nem teve tempo de ver quem assim a tirava daquele grupo exaltado; quando pôde olhar estava junto de um casal jovem e ao seu lado um moçi insinuante se apresentava:

— Chamo-me Alberto.

— Obrigada... Não estou acostumada a andar sòzinha... mas hoje foi diferente...

— Êstes são meus amigos — continuava Alberto olhando-a fixo — Lloveras e sua espôsa Nelly...

— Brindemos pelo armistício!

Em poucos minutos aquêles três seres estavam confraternizados. Nelly, que saira de casa há cinco anos para despachar uma carta, encontrara-se com Lloveras e com êle compartia uma vida a■arosa, incerta e cheia de boemia. Pràticamente viviam do jôgo, de noitadas alegres e sem compromissos. Alberto, um rapagão, era solteiro e dividia o seu coração com quanto "pedacinho" aparecesse... Das ruas movimentadas êles se dirigiram para Armenonville, uma "boite" onde se bailavam tangos em voga. Mireya nunca havia estado em semelhantes lugares, nunca havia sentido, também, tanta sêde de liberdade, porém, ao princípio se mostrara atemorizada daquela noitada inesperada.

— Tenho medo de que falem... Nunca saí sòzinha de noite... Hoje briguei com papai e meu noivo...

— Um noivo a quem ama?

Mireya olhou para Alberto e sorriu, dizendo:

— Para que falar nisso?

Os olhos de Alberto brilharam.

Nelly, Lloveras e Alberto arrastaram a entusiasmada Mireya para as suas noitadas. Ao princípio Mireya opoz-se a ficar até tarde fora de casa, mas Nelly, sempre estouvada, disse que telefonaria para a casa dela e avisaria aos seus pais que ela, Mireya, estava com um grupo de amigos e que voltaria "um pouco" mais tarde. Assim o fêz, porém, quando do outro lado da linha telefônica ouviram falar em "Armenonville", deram um berro e disseram que Mireya viesse imediatamente para casa... Nelly achando que Alberto precisava de companhia e que nem todo dia havia um armistício mundial, afirmou a Mireya que em casa tudo estava bem e que poderiam se divertir... O grupo não podia ser mais animado. Nelly e Lloveras estavam sempre as brigas e tinham uma maneira tôda especial de se entenderem. Entre risos e dansar a noite ia se passando... Alberto disse que Mireya merecia um tango sentimental pela sua suave beleza!... Mireya estava embriagada de prazer. Aquela seria uma noite inesquecível. As horas passavam velozes... Quando não passam velozes as horas de felicidade?

Ao voltarem para casa encontraram Gustavo e o sr. Pedro esperando-a, furiosos. Mireya arriscou:

— Que estão fazendo aqui?

Ao que o sr. Pedro respondeu:

— Ainda pergunta? Então a senhora chega, em companhia de estranhos, a esta hora e tem a desfaçates de perguntar?

— Admito — disse Mireya meio perturbada — que abusei da licença.

— Licença?... Quando telefonaram, mandamos você voltar!

Em poucos minutos outra confusão se formava. Mireya indignada por ver o seu noivo se intrometer em sua maneira de proceder; o pae aborrecido por ver estranhos falarem com intimidade para com a sua filha; Nelly e Lloveras se culpando um ao outro e, finalmente, Alberto sentindo-se revoltado por ver que o "velho" e o noivo de Mireya estavam procurando barulho... Afinal, Mireya era maior de idade...

— Acreditem — disse Alberto persuasivo — Mireya não teve a mínima culpa...

Gustavo olhou-o de cima.

— Deixe de confianças com minha futura espôsa! Quem são os senhores?

Alberto estava nos limites de sua paciência e Mireya percebendo que algo podia



Mireya vinha intervir por seus amigos, sempre metidos em aventuras relacionadas com o jôgo.



Mireya era mãe extremosa e dentro de seu lar procurava a felicidade que a vida lhe negava...

acontecer, aproximou-se dêle e disse:

— Meu caro, não se incomode... Havemos de nos encontrar... um outro dia...

— Ensinar-lhe-ia a respeitar a mulher que desgraçadamente será sua espôsa!

Assim, tempos depois, Ana Maria se casava com o homem que não amava e de quem teve uma filha. No fundo de seu coração, guardava uma grata recordação: aquela noite embriagadora. Sua vida no lar era uma constante adaptação ao caráter de seu marido. Nelly havia se tornado amiga inseparável de Mireya e anhelava por ver a criança mais crescida para que sua amiga se desquitasse, pois todos os direitos de uma mulher no seu lar eram sonegados à pobre da Mireya. Não podia beijar a filha porque, segundo Gustavo, dava causas a enfermidades, não podia brincar ou ficar com a criança no colo porque acostumava mal... Um infermo! No entanto Gustavo não era um exemplo de marido para ditar semelhantes ordens, pois, de vez em quando, saia com os amigos e se encontravam com francezinhas...

Um dia Nelly veio com uma novidade: Lloveras e Alberto estavam metidos numa encrenca, pois haviam estado jogando e um dos parceiros havia-os denunciado, acusando-os de jogarem com cartas marcadas... Nelly havia se lembrado de pedir a Mireya para levá-los ao advogado amigo de seu pai. Assim o fêz e tirou seus amigos de um apêrto. No fundo de seu coração de mulher amava Alberto. No dia em que se encontraram na sala do advogado, Mireya estava perturbada, pois, desde aquela noite não se haviam encontrado outra vez. Alberto e Mireya guardavam uma saudade e alguns ressentimentos. Ela por não ser feliz e êle por viver inùtilmente, sem amar ou ser amado... Continuava a ser um boemio. Talvez se Mireya o houvesse amado... Esta almejava, assim se expressou, divorciar-se, pois segundo declarou, a sua vida de casada era humilhante. A filha estava sendo educada longe de seus carinhos, indiferentemente.

Tempos depois Mireya pedia ao marido que lhe concedesse o divórcio. Êste se exaltou. Ameaçou-a mas acabou se inclinando perante a destemida e firme atitude de Mireya, mas... esta ficaria sem autoridade sôbre a filha!

A bordo de um transatlântico, Mireya viajava com Alberto e seus amigos inseparáveis. Era uma viagem de prazer e que Mireya fazia para esquecer as suas máguas e gozar um pouco da vida. Agora se dedicava ao homem que um dia conhecera no acaso de uma festa, nessa dedicação que sentem tôdas as pessoas que sofrem um golpe da vida... Nelly e Lloveras sempre em discussão, pois ela era muito coquete, faceira e sempre se julgava estar sendo assediada por outros homens, o que era comum, mas como era fiel a Lloveras, empurrava-o para tomar satisfação do desacato sofrido por seu amor próprio... Agora mesmo, ali no passadiço do navio, estava um "bolo" formado...

Assim se passaram meses de divertimento e prazeres...

Em Paris a vida seguia venturosa e cheia de aventuras, nem sempre lícitas... Viviam de jôgo, do pano verde... Mireya até certo ponto ignorava a vida que levavam, pensando que quem jogasse fôsse o amigo de Nelly... Um dia tiveram uma explicação, mas, Mireya, já completamente apaixonada, submeteu-se totalmente à vida de seu amado. Era um sêr sem vontade, já acostumado àquela vida sem controle, dissipadora, ora em Paris, ora em Viena, mas sempre perseguindo a sorte no jôgo.

Freqüentavam as rodas mundanas e assim viviam do pocker... Depois de 5 anos, Mireya era uma desiludida. Uma noite se preparavam para arrumar a bagagem para iniciarem outra viagem, pois, como dizia Lloveras, em "Viena já eram cartas conhecidas", quando repentinamente Mireya recebeu um telegrama. Nervosamente o abriu e leu:

"Falecimento de seu espôso. Necessário sua vinda".

Aquela notícia abria-lhe, inesperadamente, um novo horizonte em sua vida. Era a volta ao lar e juntar-se, enfim, com sua filha. Lúcia deiva estar crescida, com seus dez anos...

Mas o destino reservara para Mireya uma série de padecimentos. Ao voltar da Europa, viera a saber que seu marido havia deixado ordem testamentaria de educarem a filha num rigoroso colégio e apenas permitir que fôsse visitada de vez em quando pela mãe, mas que a filha deveria ignorar que Mireya fôsse sua mãe... A primeira visita que fêz, ela se apresentou como uma amiga da família. Mireya procurou conquistar o afeto de Lúcia, mas esta se negava e chegou, mesmo, a afirmar que não tinha outras amizades senão a de suas companheiras de colégio, pois que sua mãezinha morrera há alguns anos.

— Eu sou sua mãe!

Mireya, nunca imaginàndo ser doloroso ver-se negada nos seus direitos de mãe, deixara falar alto o seu coração desiludido.

— Mamãe morreu.

— Você é milha filha... Enganaram você...

— Não fale assim de papai... Nunca mentiu.

A madre, que estava perto, veio separar mãe e filha, mandando esta voltar para junto das suas companheiras.

— Ela tem razão... Estou morta...

Mireya era orgulhosa, seu caráter independente não admitia ver-se compadecida por ninguém. A filha havia sido educada na completa ignorância do sentimento materno.

Mireya, mais uma vez, voltava para junto de seus companheiros. De novo se encontravam na vida boemia e cheia de farras. Uma noite estavam num cabaret, quando tocou um tango em moda, "A Loura Mireya", um dêsses tangos que contam a história de uma mulher infeliz e decaída, de amor em amor, de ilusão em ilusão, indo embriagada na derrocada da vida.

A Mireya do tango vivia no ostracismo, depois de ter sido a mariposa da vida noturna, a flor mimada e adulada...

Mireya ouvia embevecida aquela melodia... e pensava.

— Êsse é o fim que me profetìzam?

Seus amigos riram. Alberto disse-lhe, tomando a mão:

— Mera coincidência de nome!

— Vocês sabem que vou acabar assim! Eu também sei! Mas não importa, minha vida é minha e faço dela o que bem entender...

— Deixe de tolices! Não acredite em tangos...

Mireya estava transtornada e já com os olhos marejados de lágrimas exclamou:

— Não quero ninguém ao meu lado! Afinal... o tango tem razão... Eu sou como a tal Mireya...

... e à partir daquêle instante de embriaguez, Mireya criou em sua alma um conflito, um verdadeiro tormento para suas poucas horas de tranqüilidade. Via-se na mais extrema miséria, desamparada e terrìvelmente só, desherdada de todo e qualquer afeto, mendigando um pouco de carinho, sedenta de dar e mais sedenta, ainda, de se comunicar sentimentalmente... Fìsicamente, ainda era uma bela mulher, apesar de sua vida extravagante e intensa. Alberto, insensìvelmente, no entretanto, buscava a companhia de outras mulheres mais jovens, algumas vêzes se recusava a sair.



De novo livre e em busca de aventuras, Mireya e seus amigos iam se divertir em Paris.



Nelly estava completamente embriagada, tudo fazendo para comunicar uma alegria forçada aos seus amigos.



Mireya temia duas cousas: envelhecer e perder o amor do seu amante...



— «Não poderei esquecer o bem que me fêz ao reconhecer o favor que aquêle homem fizera por si, ela se colocava contra seus amigos.

Não estava disposta para as farras de Nelly e Lloveras — era essa a sua desculpa. Até que... Um dia ela mesma se surpreendeu com a revelação que se fêz clara em seu espírito. Naquela noite seus amigos se preparavam para ir a um jantar e depois enfrentarem uma partida de pocker. No último instante Mireya declarou que desejava ficar em casa e dormir cedo, cousa que só seria possível se tomasse umas pilulas soníferas. Assim aconteceu, ficou só. Aquela noite estava embargada de emoções desordenadas.

Já alta madrugada quando voltaram da noitada, Nelly foi ao elegante quarto de Mireya, no qual entrou falando e contando as aventuras da noite:

— Bom dia... Por que deixou acesa a luz? Se você visse a sorte de Alberto hoje! No começo, um bocado difícil, depois nós eramos os primeiros...

Foi então que Nelly reparou que ao lado de Mireya estava o vidro das pilulas completamente vazio! Instantâneamente deu alarme. Alberto e Lloveras vieram correndo. Nelly estava agitadíssima. Pensaram em chamar a assistência, mas isto implicava em tomar contáto com a polícia e, talvez, noticiário escandaloso nos jornais... Não, melhor seria chamar um médico. Dentro de alguns minutos Mireya era socorrida por um jovem clínico, que administrou-lhe uma ducha de água fria. Segundo declarou, teria sido fatal se não o chamassem a tempo. Aconselhou repouso absoluto e prometeu passar depois. O médico achou estranho que Nelly não quisesse declarar o nome da sua nova cliente e quando o soube ficou admirado...

Assim foi o começo desta nova aventura de Mireya... O médico se fêz íntimo de todos, passou a freqüentar a casa e a tomar parte nas reuniões íntimas de Mireya. Não tardou que todos suspeitassem de que Ponce, o médico, estava enamorado de Mireya. Esta mostrava-se, ùltimamente, mudada e chegou mesmo a falar em trabalhar, deixar aquela vida e viver de seu esfôrço. Alberto ao saber destas idéias ficou revoltado, enciumado, chegando até a ameaçar Mireya com a promessa de declarar ao dr. Ponce de que ela era a sua cúmplice... Êle bem que notava que Mireya andava mudada e ela o acusava de ter sido leviano e não ter se casado com ela... Aconteceu que um dia... Naquela noite Ponce veio para jogar uma partida de pocker e, enquanto Mireya terminava a sua toilete, Alberto contou tôda a sua vida com Mireya. Quando esta chegou, êles, bruscamente mudaram de conversa. Momentos mais tarde, num canto do salão, Mireya e Ponce conversavam.

— Sinto-me diferente... — dizia Mireya — Devo estar envelhecendo. Sirva-me whisky... Bem forte.

Ponce olhou-a penalizado e resolver ser franco:

— Seu amigo Alberto contou-me tôda a sua vida... Sua vida não tem segredos para mim... A senhora é uma vítima do destino. Faltou-lhe sempre u'a mão firme para guiá-la...

Mireya olhou pensativa e com os olhos marejados de lágrimas:

— Onde achar essa mão?

— Mireya, essa mão pode ser a minha...

— Como posso crer? O sr. vem a esta casa, já sabe de minha vida...

— E' o que a senhora pensa... Porém, vim para tirá-la desta vida, para que volte a ser o que deve ser...

— Com licença...

Era Alberto que vinha buscá-los para uma partida. Já na mesa, Mireya estava de alcatéia. Olhava, entre implorativa e ameaçadora, para Alberto e cheia de cuidados para Ponce. Observava todo o jôgo de Alberto. Êste inicialmente incitava Ponce com ironias... Êste, a cada ironia, dobrava a quantia jogada. Mireya estava em suspenso.

— Abro com 500...

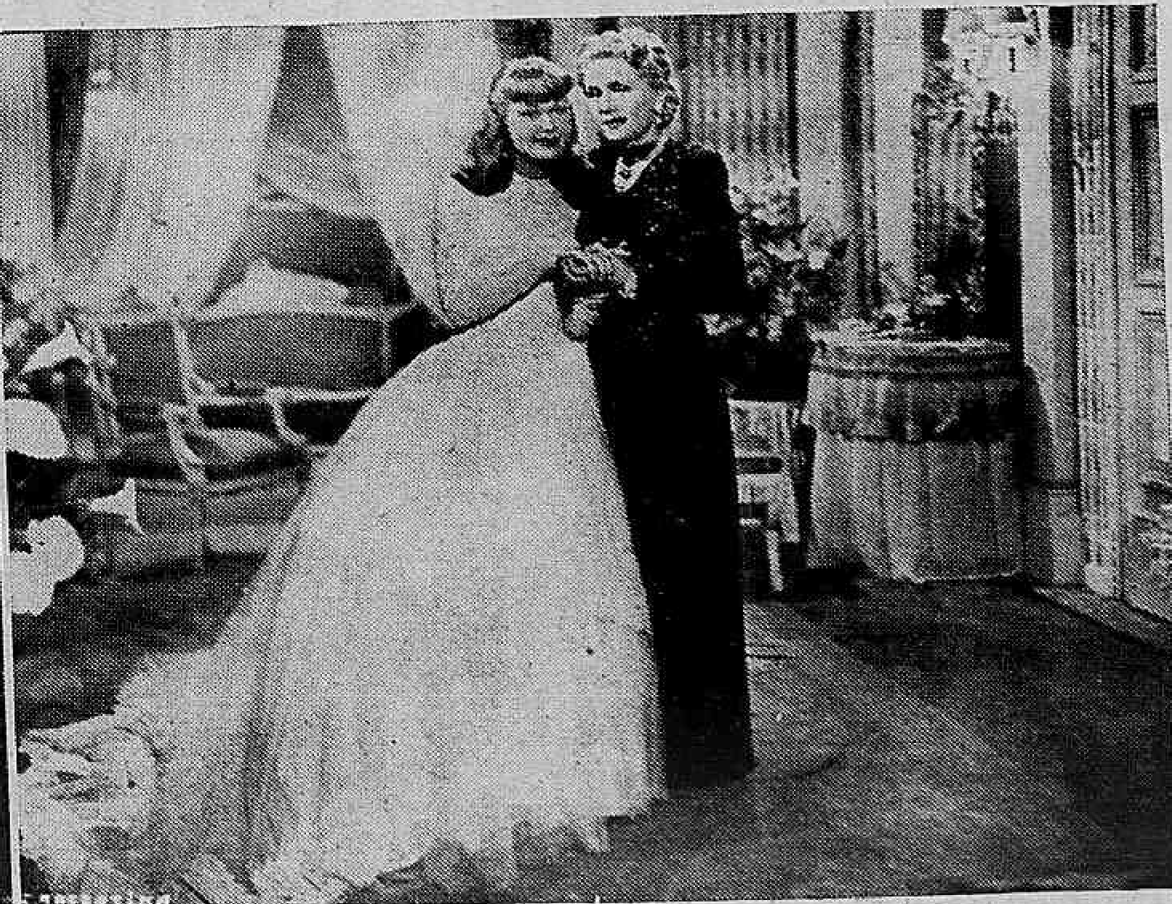
— Mostrando que não receio, jogo mais 500.

Mireya ficou de pé e revoltada exclamou:

— Chega! Não jogue mais.



Aquela canção vinha ferir seus íntimos sentimentos e suas gratas recordações...



Mireya e Lúcia, sua filha, viam com felicidade a aproximação de um momento de felicidade em suas vidas desencontradas.

HEROÍSMO! BRAVURA! DESTEMOR!

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB



NÃO HÁ PERIGOS QUE ÊLE NÃO VENÇA!

NADA O IMPEDE DE FAZER O BEM!

NOBRE... JUSTICEIRO...

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

LEIAM NA

REVISTA DA SEMANA

ESTÁ À VENDA
EM TODOS OS
PONTOS DE
JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE DEZEMBRO

Seja como fôr, devo dizer: está sendo roubado! Esta casa é um covil de ladrões! — Olhando para seus companheiros espantados, ajuntou: — Venho tolerando isto há muito tempo, mas não consentirei que o roubem!

Alberto ia atacando Mireya, no que foi impedido por Ponce. Os dos homens se enfrentaram, primeiramente com palavras e depois com violência, sendo separados por Lloveras e Nelly. Ponce antes de se retirar cumprimentou Mireya e esta disse-lhe:

— Não poderei esquecer o bem que me fêz... Estou resolvida a ir-me embora.

— Venha comigo, eu a levarei para um hotel e depois a senhora irá morar numa casa.

Era um homem bom. Cercou Mireya de carinho e deu-lhe apoio moral e tranqüilidade. A sua vida seguia sem novidade. Ponce aparecia pouco e algumas vêzes só de passagem. Desculpava-se com o trabalho no sanatório, com a clínica, etc. Ela nada exigia. Tinha confiança nele. Um dia Nelly veio visitar-lhe e esta lhe perguntou:

Mireya, êle nunca lhe falou de amor?

— Nunca falamos nisso.

— Então, não se incomodará se eu lhe contar uma cousa?

— O que?

— Êle vai se casar! E' noivo de uma grãfina... Estêve brincando com você... Imagine que nem Ponce êle se chama...

Mireya estava confundida, atônita.

— Êle se chama Medina, é filho do advogado que nos livrou daquela confusão há alguns anos e que cuidou do teu divórcio... A noiva é uma bela jovem, que vive com uma tia, trouxe-lhe o endereço, dizem que é rica... Há um ano que são noivos...

Mireya furiosa ordenou que Nelly se calasse, justamente no momento em que ia contar o principal... Nelly, receiosa de Mireya se retirou.

Mireya foi ao endereço. Anunciou-se como uma senhora de uma comissão de beneficência, a fim de ser recebida. Quando apareceu a jovem ela se espantou da sua radiante beleza.

— Você é jovem, bela e rica, mas não irá tirar de mim a minha última ilusão... Carlos Ponce me pertence! Eu era um farrapo de mulher e por êle me converti num sêr digno!

A jovem olhou-a cheia de comiseração e ternura e aproximando-se de Mireya foi dizendo:

— Sim, mamãe querida... Não se lembra de mim?... Sou aquela menina tola que acreditava que sua mãe estivesse morta! O homem que a socorreu contou-me sua história, ensinou-me a quere-la e aproximou-a de mim...

— Então por que êle não me disse nada?

— Queria saber se odiava sua filha... como ela receava...

Mireya emocionada até as lágrimas caiu nos braços de sua filha e aquelas duas mulheres, enfim, se estreitavam amorosamente.

— Odiar minha filha! Se soubesses o quanto sofri... quantas noites passei pensando em ti...

Tempos depois Lúcia se preparava para o casamento e quem pôz a grinalda na cabeça da noiva foi a própria mãe... Só que Mireya não se deu a conhecer, preferindo passar perante os convidados como uma parenta da noiva. Ela temia pelo seu passado. No entretanto concordou com Lúcia quando esta prometeu que ao regressar da viagem de bodas, viveriam todos juntos...

ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 17)

Por êsse motivo, Lou Castello teve que passar várias horas nas mãos dos técnicos de maquilagem, para que êstes ocultassem seus traços mais característicos, deixando só a vista o que podia fazer pensar que Costello se parecia com Costello.

Antes de uniciar a filmagem, Lou teve que posar para o fotógrafo para que êste lhe fizesse uma série de retratos "de avô", que mais tarde o ator haveria de descobrir num album de família, numa cena da citada película.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ...

CIDADE .... ESTADO .....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

INIBIÇÃO INCONCIENTE

O CASO DE REGINA MARIA

REGINA MARIA está casada há 2 anos. Tem 23 anos e é fisicamente normal. Ama ao marido, moço de 26 anos que corresponde plenamente o seu amor. São ambos nascidos no interior de Minas e oriundos de boa família, de base moral inatacável.

Apezar do amor que liga o jovem casal, Regina Maria não sente prazer ao lado do espôso, ao contrário, repugna-lhe todo contato físico.

Durante o período de noivado Gilberto — é o nome do marido de Regina — concitava-a no sentido de resistir os seus excessos, não devendo ela aceitar os carinhos que lhe oferecia:

Gilberto — Você é moça, Regina Maria, e não deve consentir que eu faça o que pretendo. Na verdade eu não me quero aproveitar de você mas, encontrando facilidade de seu lado, acabarei por fazê-lo. E' o instinto que m'o obriga...

Esta e outras frases, oriundas da mais sincera e honesta intenção, conseguiram dar fôrça a Regina Maria para resistir ás tentações de seu noivo, em momentos de excitação. De tal modo sucedeu que passou, de fato, a não mais sentir prazer ao contato de Gilberto.

A imagem é uma simplificação de documentos sensoriáis procedentes do mundo exterior. A imagem que Regina Maria esculpio em seu subconciente foi a da revolta. Passou, então, a nossa consulente a perceber de forma esdrúxula a questão sexual.

— "E' um crime contra Deus e contra os bons pricípios..."

Perceber é função sintética, tendo já a sua origem processos dissociativos, que se continuam nas imagens. São elementos que servem à imaginação criadora, como função sistematizada da vida mental, onde, graças ás duas operações fundamentais de dissociar e associar em complexos novos as imagens, idéias e juizos, a imaginação criadora emerge, gradativamente, de reprodução, por uma evolução progressiva, segundo causas orgânicas e psicológicas.

CONCLUSÕES

Regina Maria, pelas razões espostas, sofre de "inibição inconciente".

Regina Maria — Explique-me o que é isto.

Médico: — E' um impedimento ou obstáculo de origem psiquica, que escapa ao EU conciente, de funções psiquicas da psicossomáticas. Ela tende a proteger o indivíduo de situações perigosas; portanto a preservá-lo do mêdo. A situação que cria o mêdo pode ser mesmo irreal ou não mais atual, caso em que a inibição inconciente não serve a um escopo racional.

Regina Maria: — De onde provém êste perigo?

Médico: — Do "Super-Ego". Um instinto pela inibição inconciente não é mais percebido como tal. As representações e as recordações que se ligam ao instinto inibido, ficam no inconciente, fenômeno que se chama remoção.

Regina Maria: — E não há cura para isto?

Médico: — Sim. A psicanálise.

CORRESPONDÊNCIA

Lourdes: — Procure uma boa modista e um cabelereiro.

Celina: — Naturalmente, é preciso evitar.

Júlia: — Não adianta insistir; tome novo rumo.

*

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:

Dr. LUÍS FRAGA

Redação de A CENA

Rua Visconde Maranguape, 15

Seção "Problemas Humanos"

Rio de Janeiro



Connie
Russell
("lady-crooner")

MELODIAS *para* VOCÊ

MÚSICA BRASILEIRA

MAXIXE DO BEIJO

(Maxixe)

De Roberto Martins e Ary Monteiro — Gravação de Aracy Costa

Vem meu amor, vem só para ver
Como é gostoso o meu jeito de amar
Vem nos meus braços o céu conhecer
E o sabor do meu beijo provar
Vem que teu beijo também deve ter
O gôsto do beijo que eu quero te dar.
Minha bôca e tua bôca,
Vão trocar que coisa louca,
Loucos beijos de matar o coração
Meu desejo e o teu desejo
Vão somar beijo por beijo
Até fazer um milhão
Teu beijo é um bombom
Açúcar contém
Teu beijo é tão bom
Teu beijo faz bem
Um doce de côco
Teu beijo é dos tais
Que a gente prova e quer mais.

★

QUANDO ALGUÉM VAI EMBORA

(Samba)

De Cyro Monteiro e Dias da Cruz — Gravação de Ângela Maria

I

Quando alguém vai embora
E não diz a razão
A Saudade devora
Indo de um coração
Se errou pouco importa
Puro engano talvez
Tôda casa tem trinco e tem porta
Para um dia bater-se outra vez.

II

A maré que enche e vasa
Deixa a praia descoberta
Vai-se um amor e vem outro
Nunca vi coisa tão certa.
Não é só quem se deseja
Que nos dá felicidade
Por pior que a gente seja
Deixa sempre uma Saudade.

INVEJA

(Samba)

De Newton Teixeira e David Nasser — Gravação de Newton Teixeira

I

Tenho inveja de quem vive à-toa
Num casebre de palha ou de barro
Tenho inveja de quem não tem nada
Um sapato, um amigo um cigarro
Tenho inveja de quem não abriga
A raiz de um amor no seu peito
Tenho inveja de quem não derrama
Lágrimas de ódio e despeito.

II

Mas não invejo o castigo
De quem ama e também sendo amado
Vê que há uma fôrça invisível
Tornando seu amor impossível
Mas não invejo na vida
A triste alegria fingida
De quem beija uma bôca pensando
Noutra bôca que alguém está beijando.

★

NOSSO CASO DE AMOR

(Samba-Canção)

De Mário Filho e Sebastião Moreira — Gravação de Alcides Gerardi

I

Eu sei que você não esquece
O seu primeiro amor
Eu sei que sómente servi
P'ra alimentar uma dor.
Eu sei que não sou
O que você deseja
Mas eu gosto de você
Como alguém você quer e almeja.

Mas a vida
Tem o seu lado diferente
Quando se gosta de alguém
Alguém não gosta da gente
Nosso caso afinal
E' difícil de compreender
Se você não esquece
O seu primeiro amor
E' meu primeiro amor
Como vou lhe esquecer.

CARTAZ DO MOMENTO



LINDA BATISTA

ME DEIXE EM PAZ

(Samba)

De Monsueto C. Menezes e Ayrton Amorim — Gravação de Linda Baptista

I

Se você não me queria
Não devia me procurar
Não devia me iludir
Nem deixar eu me apaixonar (**Bis**).

II

Evitar à dor
E' impossível
Evitar êsse amor é muito mais
Você arruinou a minha vida
Ora, vai mulher
Me deixa em paz.

A PEDIDOS

NICK BAR

De José Vasconcellos e Garôto — Gravação de Dick Farney

Foi neste bar pequenino
Onde encontrei meu amor
Noites e noites sòzinho
Curtindo uma dor
Tôdas as juras sentidas
Que o coração já guardou
Hoje são coisas perdidas
Que o eco ouviu e calou.

Você partiu e me deixou
Não sei viver sem teu olhar
E o que sonhei só me lembrou
Nossos encontros no Nick Bar
Tôdas as juras sentidas
Que o coração já guardou
Hoje são coisas perdidas
Que o eco ouviu e calou.

BAMBU

(Côco)

De Manèzinho Araújo e Fernando Lobo — Gravação de Linda Batista

Uê-uê... bambu
Ô giquipáque
Giquipáque
Giquipú...
Não quero agrado
Não adianta não
Eu já dei meu coração
Às mulhé de Tambau.

Morena não me provóque
Não fique nessa agonia
A esmola quando é grande
Logo o pobre desconfia.

Morena você se aquête
Esconda seus possuído
Que hôme feio só gosta
De tudo bem escondido.

"UM DIA COM O DIABO"

(Un dia con el diablo)

Produção POSA FILMS S.A. (México)
Direção de MIGUEL M. DELGADO
Música de ROSALIO RAMIREZ — Som de HOWAR E. RANDALL — Fotografia de GABRIEL FIGUEROA — Argumento de JAIME SALVADOR e entrecho de MIGUEL M. DELGADO.

ELENCO:

MARIO MORENO (Cantinflas)
Miguel Arenas, Susana Cora, Andrés Soler, E. Schellinsky, Rafael Icardo, Angel T. Sala e Roberto Corell.
Filme da R.K.O.

O espirito festivo desta pelicula faz com que sua idéia coincida com fatos da vida real; torna-se, portanto, necessário esclarecer que tôdas as cenas da mesma são de caráter imaginário, não se tratando de exemplificar elementos do exército de qualquer país, limitando-se a história a apresentar personagens ficticios, arbritariamente acomodados para destacar a comédia.

★

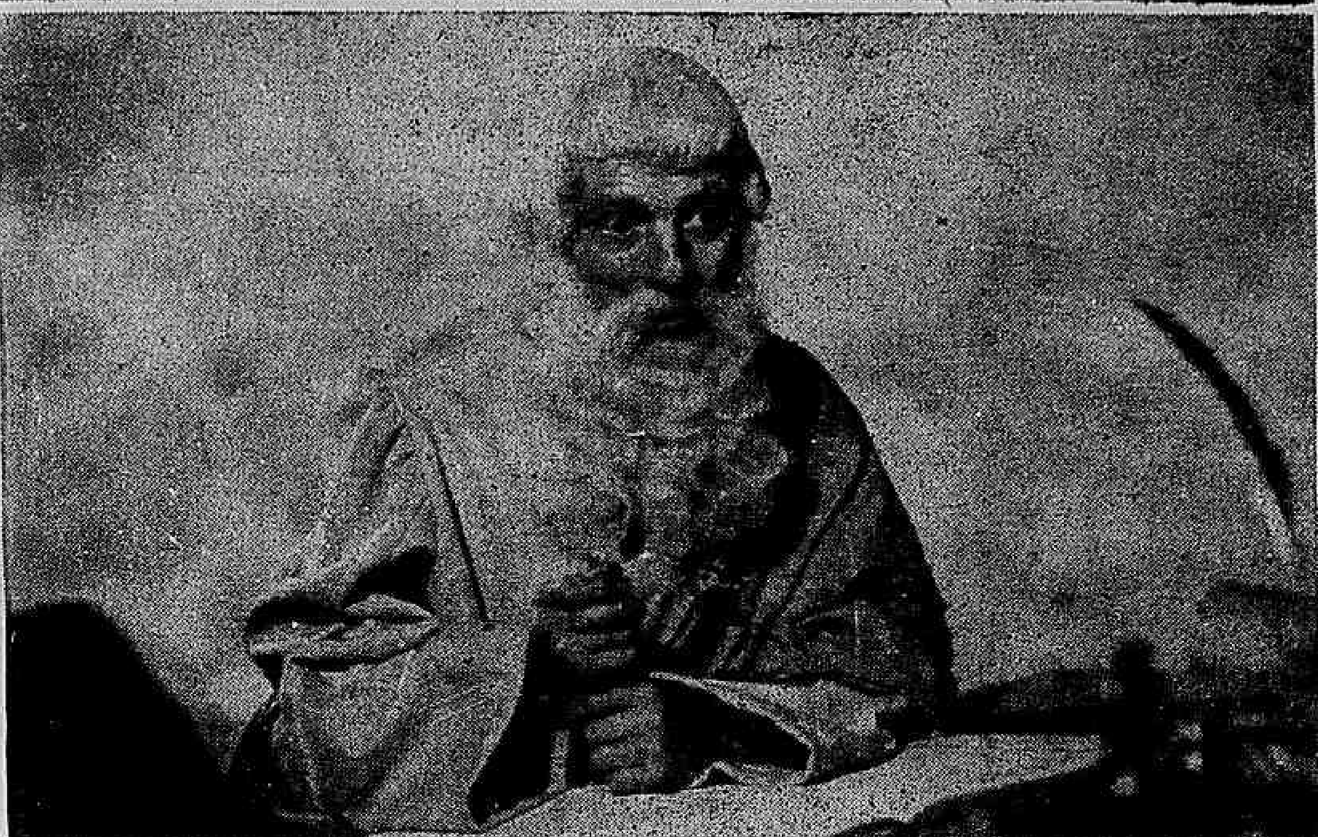
Declaração de guerra! Nosso amigo Cantinflas, amante da malandragem, está em "pé de guerra" pronto para dar o pira... A vida da caserna não lhe serve... o que interessa é vender os seus jornais e tomar o traguinho indispensável em companhia de amigos. E foi justamente o que aconteceu naquele dia... Êle encontrou um amigo, e conversa vai, conversa vem, os dois foram farrear juntos, e o resultado da brincadeira é que Cantiflas deitou-se, naquela noite, como civil e acordou, no dia seguinte, uniformizado, pronto para entrar em ação... Entrar em ação! Como? Nossa senhora! Encanado, o pobre Cantiflas não sabe explicar a situação complicada em que se metera... A polícia identifica-o como sendo Juan Perez, desertor do regimento que havia seguido ha dois dias para o "front". Apesar de absolvido do crime de deserção, Cantiflas, involuntariamente, é considerado voluntário e enviado outra vez para o acampamento militar, e após uma série de trapalhadas, é gravemente ferido... e vai até ao céu por descuido...

Lá chegando, Cantinflas, concentra-se a observar o movimento das nuvens, e de tôdas as belezas do paraíso celestial. Vendo-o uniformizado, São Paulo aborda-o. Queria saber o que êle desejava fantasiado daquela maneira... Cantinflas pede um lugarzinho para ficar... São Paulo pergunta-o se tem prioridade, caso contrário terá que esperar na fila até estudar o seu caso... Cantinflas fica por conta do Benedito... até no céu é preciso fazer fila e ter prioridade para conseguir asilo?! Não! Não é possivel! E' possivel, sim, retruca São Pedro, acontece que nestes últimos anos... em que os tubarões apareceram por aqui, aumentou muito o número de almas que procuram asilo... — Uma alma como a que tenho não pode esperar! Lutei e morri pela liberdade no campo de batalha. — Não interessa, diz São Pedro fazendo chiste, lembre-se que está no umbral do céu... e quem abre as portas do céu sou eu... Bem, como simpatizei com o senhor, vou fazer uma exceção... experimentá-lo como aspirante. Terá de arrumar o armário das asas, das harpas... Trabalho limpo, caso contrário mando-o para o inferno com uniforme e tudo...

Inicia-se uma nova vida para Cantinflas... Suas trapalhadas no céu continuam, São Pedro está por conta, as patrulhas não se cansam de intervir. Não é possivel que êle continue ali, é preciso despachá-lo, com retrato e estampilha, para o Inferno. Sómente Satanaz poderá dar jeito na vida de Cantinflas... Aproveitando um descuido de Cantinflas, São Pedro engana-o e empurra-o para as portas do Inferno. Satanaz recebe-o com tôdas as honras de que êle é merecedor... Cantinflas acha que está fazendo um calor insuportável, e manda abrir as janelas... os ventiladores... emfim, as câmaras frigorificas... porém a realidade é muito diferente e o nosso herói tem que trabalhar no duro pois Satanaz, fulo de raiva, joga-lhe em rosto: "o inferno não é lugar de prazer", aqui se purga... e quando ouviu falar em purga Cantinflas lembrou-se das pulgas e começou a coçar-se. Satanaz aborrecido da vida insiste que êle trabalhe, entre na fila do carvão, pois o inferno ha muito que está em decadência... não ha matéria prima para alimentar o fogo do inferno... Cantinflas passa baixo nas mãos de Satanaz, reclama que prefere o purgatório pois já passou pelo pão que o diabo amassou... Chega! Até que enfim chegou uma notícia tristissima para Cantinflas, o inferno se fecharia com a chegada do último pensionista... Satanaz não resiste, Cantinflas é um horror dentro do inferno, prefere despachá-lo outra vez para o céu... E o paraiso esperava outra vez Cantinflas, quando acabou-se o que era doce... tudo volta a realidade, a guerra tinha acabado, a paz havia sido assinada... e Cantinflas fica então esperando por outra oportunidade para ir piscar para os anjinhos no céu...













OSWALDO DA CUNHA

TERCEIRO CURSO INTERNACIONAL DE FÉRIAS

ENCONTRAM-SE abertas na sede da Pró-Arte, à rua México, 74, sala 601, tel. 22-1076, as inscrições para o Terceiro Curso Internacional de Férias em Teresópolis, a realizar-se de 7 de janeiro a 16 de fevereiro de 1952, naquela cidade serrana, sob o patrocínio da Prefeitura local. Entre as personalidades convidadas a participar do corpo docente, encontram-se os nomes de Ernst Krenek (composição musical) e Karl Ulrich Schnabel (piano), para cujos cursos extraordinários as inscrições deverão ser efetuadas até 30 do corrente. Pertencerão ao corpo docente, entre outros, Tomás Terán (piano), Hugo Balzo, (piano e música de câmera), Georges Rety-Gazda (violino e música de câmera), Jacques Ripoche (violoncelo), Hilde Sinnek (canto), Geni Marcondes (iniciação musical e pedagogia), Elizabeth Filla (dança clássica e moderna), Tiziana Bonazzola, (desenho e pintura), Grete Stern, Buenos Aires (fotografia). Um grande Festival de Música de câmera, audições, exposições de pintura, fotografia e de livros e música, conferências e passeios terão lugar ao lado do "corriculum" diário dos diversos cursos especializados.



Apresentou-se a 21 de novembro, num recital no auditório da A.B.I., a cantora Maria Antonieta Lustosa. A recitalista que se fêz acompanhar ao piano pelo professor Alceu Bocchino, apresentou um variado programa que incluia peças de Scarlatti, Mozart, Saint-Saens, Respighi, Villa-Lobos, Siqueira, Mignone, Turina e vários outros.

KARL SCHNABEL

O pianista Karl Ulrich Schnabel dirigirá êste ano mais um curso de aperfeiçoamento de piano no Terceiro Curso Internacional de Férias Pró-Arte à realizar-se de 7 de janeiro a 16 de fevereiro de 1952, em Teresópolis.

ELEAZAR DE CARVALHO NA BÉLGICA

REPERCUTIA auspiciosamente em tôda a Bélgica a expressiva vitória da música sinfônica brasileira, cujo concêrto, repetido nove vêzes, foi iniciativa do maestro Eleazar de Carvalho. Foram executadas obras sinfônicas de Villa-Lobos, Nepomuceno, Camargo Guarnieri, Carlos Gomes e Francisco Braga. A atuação do maestro Eleazar de Carvalho, que constitui a sensação da atual temporada sinfônica belga, foi de tal maneira relevante que lhe foram feitos convites para reger mais três concêrtos em Bruxelas, ainda êste mês, e mais 32 concertos na próxima temporada. Aos concertos do maestro Eleazar de Carvalho têm comparecido os membros da família real e a sua atuação é destacada por todos os críticos de arte.

CONCURSO DE ÓPERAS

O concurso para uma nova ópera, organizado pelo Teatro Scala de Milão, com um prêmio único de quatro milhões de liras, foi ganho pelo compositor argentino Juan José Castro, com a ópera «Proserpina e o estrangeiro». Juan José Castro dirigia há 15 anos o Teatro Colon, de Buenos Aires, residindo atualmente no Uruguai.

APRECIAÇÃO MUSICAL DA ÓPERA LÍRICA

INTEGRANDO a série de conferências culturais de 1951 do Conservatório Brasileiro de Música, será realizado, nos dias 26 e 29 de novembro e 3, 5 e 7 de dezembro, o curso, em forma de conferências, «Apreciação musical da ópera lírica» (com uma dissertação sôbre o conceito do eterno feminino no melodrama), a cargo do professor Maurizio Quadrio. Será ilustrado com projeção de filmes, apresentando as seguintes óperas filmadas no Scala de Milão: «Barbeiro de Sevilha», «Guilherme Tell», «Carmen», «Lúcia de Lammermoor» e «D. Pasquale».

Pausa para meditação



MIRIAM MOEMA — (Foto Ávila)

O CRISTO PROIBIDO

(Cont. da pág. 15)

Na Europa, particularmente na Itália, o diretor-regente de orquestra pertence ainda à velha geração do cinema: o diretor-compositor é um fenômeno próprio da nova geração, da geração "dos novos", e mesmo os mais inteligentes entre os velhos diretores, especialmente na Itália, começam a assumir sempre maior importância e dar maior importância à cenarização.

O que me conforta, em minha opinião, é que as coisas do cinema estejam ao bel-prazer do diretor-compositor sôbre o diretor-regente de orquestra, isto é, em poucas palavras, do diretor artista sôbre o diretor mero instrumento, e que a sorte do cinema esteja, portanto, mais ligada à obra dos diretores europeus, particularmente italianos, do que à obra dos diretores de ultra-mar.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa de programa e bases do Curso.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evitá-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornado-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
SÃO PAULO

Remessas pelo Reembolso

OS ALEMÃES PRETENDIAM "TORRAR" CIDADES INTEIRAS!

TENHA PRESSA... DEVAGAR

O FENÔMENO EVA PERON

A VERDADE SÔBRE AS CHUVAS ARTIFICIAIS!

OS SOLDADOS DO FUTURO NÃO MORRERÃO!

VOCÊ SABE... "QUE HORAS SÃO"?...

LEIAM EM EU SEI TUDO DE DEZEMBRO JÁ A VENDA



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE **Cr$ 25,00**

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO